



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V - JOÃO PESSOA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS -
CCBSA
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

JOSÉ ROBERTO MENDONZA CORREIA

FILMES HOLLYWOODIANOS E IDEOLOGIA

JOÃO PESSOA

2023

JOSÉ ROBERTO MENDONZA CORREIA

FILMES HOLLYWOODIANOS E IDEOLOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Reis Melo.

JOÃO PESSOA

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C824f Correia, José Roberto Mendonza.
Filmes hollywoodianos e ideologia [manuscrito] / Jose
Roberto Mendonza Correia. - 2023.
50 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações
Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Filipe Reis Melo, Coordenação do
Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Hollywood. 2. Hegemonia. 3. Soft power. 4. Indústria
cultural. 5. Ideologia. I. Título

21. ed. CDD 791.45

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
JOSÉ ROBERTO MENDONZA CORREIA

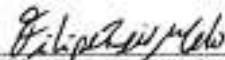
JOSÉ ROBERTO MENDONZA CORREIA

FILMES HOLLYOODIANOS E IDEOLOGIA

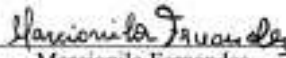
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: 28/08/2023.


BANCA EXAMINADORA



Filipe Reis Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Marcionila Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 Documento assinado digitalmente
CLÁUDIO RUY PORTELA DE VASCONCELOS
Data: 25/08/2023 12:49:23 -0300
URL: https://certificados.goub.br

Cláudio Ruy Portela de Vasconcelos
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, colegas de curso, funcionários e professores da UEPB pelo apoio ao longo da minha trajetória acadêmica.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Filipe Reis, pelas orientações, apoio e principalmente por nunca ter desistido de mim.

RESUMO

O presente TCC busca desvendar a ideologia e os temas importantes para a classe dominante dos Estados Unidos. Para tanto o marco teórico se baseou em autores que analisaram a indústria cultural e suas formas de controle social e de reforço da hegemonia por meio de produtos culturais como os filmes: Althusser, Joseph Nye, Gramsci e Adorno, que mostram que a indústria cultural tem um papel significativo na disseminação dessa ideologia dominante, em especial os filmes hollywoodianos mais caros. O conteúdo dos filmes é uma expressão da ideologia dominante e, assim, revela as crenças, valores e interesses da elite que o financia, bem como os ideais que esperam promover para a sociedade. Sendo assim, é possível inferir a ideologia da elite dos EUA através dos filmes que eles financiam, especialmente aqueles com maiores orçamentos, como foi analisado no levantamento feito com os 40 filmes que compõem a lista dos filmes com orçamento superior a 300 milhões de dólares. Um levantamento complementar com os 150 filmes mais caros do cinema mundial foi feito para se verificar se havia presença significativa de filmes de outros países nessa lista.

Palavras-chaves: Hollywood; Hegemonia; Soft Power; Industria Cultural; Ideologia.

ABSTRACT

The present TCC seeks to unravel the ideology and important themes for the ruling class in the United States. For that, the theoretical framework was based on authors who analyzed the cultural industry and its forms of social control and reinforcement of hegemony through cultural products such as films: Althusser, Joseph Nye, Gramsci and Adorno, who show that the cultural industry has a significant role in the dissemination of this dominant ideology, especially the more expensive Hollywood films. The content of films is an expression of the dominant ideology and thus reveals the beliefs, values and interests of the elite that finances them, as well as the ideals they hope to promote for society. Therefore, it is possible to infer the ideology of the US elite through the films they finance, especially those with larger budgets, as analyzed in the survey carried out with the 40 films that make up the list of films with a budget greater than 300 million dollars. A complementary survey of the 150 most expensive films in world cinema was carried out to verify whether there was a significant presence of films from other countries in that list.

Keywords: Hollywood; Hegemony; Soft Power; Cultural Industry; Ideology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	ERA UMA VEZ... UM POUCO DA HISTÓRIA DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA DE HOLLYWOOD	10
2.1	O começo	10
2.2	As conexões entre Hollywood e o governo	11
3	MARCO TEÓRICO.....	12
3.1	Ideologia para Althusser.....	12
3.2	Industria Cultural.....	16
3.3	Soft Power.....	18
3.4	Hegemonia.....	24
4	150 FILMES COM MAIORES ORÇAMENTOS DA HISTORIA DO CINEMA.	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

A meta deste trabalho é estudar a relação entre a produção cinematográfica de Hollywood e a ideologia da classe dominante estadunidense. Para alcançar esse objetivo, foi feita uma revisão da estrutura da Indústria Cultural de Hollywood e da relação com o governo, além de uma revisão da produção cinematográfica de Hollywood, compreendendo os filmes de maior orçamento de sua história, a fim de montar uma classificação quantitativa dos principais temas encontrados, em especial a presença dos opostos salvador/vítima, civilização/barbárie, democracia/tirania e demais variantes de amigos/inimigos apresentados nesses filmes. Com esse procedimento, é provável que seja possível traçar pistas acerca da ideologia da classe dominante estadunidense.

Os filmes considerados datam em sua maioria a partir dos anos 90, período chamado por muitos de unipolaridade pura, quando da queda do Muro de Berlim, e vai até o 11 de setembro de 2001, com o início da chamada “Guerra ao Terror” do presidente George Bush (2001-2009). Período este com falta de inimigos óbvios, apesar de envolver alguns eventos como a Guerra do Golfo e a invasão de Kosovo. Será feito tanto uma análise da produção cinematográfica desse período, que não apresenta um grupo óbvio de inimigos, em um país que sempre contou com a constante presença da figura do inimigo, como uma análise geral na história do cinema até 2022, onde é esperada a presença da figura de outros inimigos e outros temas predominantes.

Em paralelo à busca da ideologia da classe dominante espera-se responder se é coincidência os filmes de maiores orçamentos começarem a ser produzidos justamente com o fim da Guerra Fria? Ou o interesse da classe dominante estadunidense em dominar os novos mercados recém-abertos foi a grande motivação para aumentar seus investimentos em Hollywood?

Como base teórica, partiu-se do estruturalismo de Louis Althusser e seu pensamento a respeito do tema da ideologia. Nas palavras de Gramsci (1999, p. 111), é a “organização cultural que movimenta o mundo ideológico”, e por isso foi considerado o pensamento de Adorno em relação à Indústria Cultural. Outro diálogo que é pertinente a esse TCC é com o conceito de *soft power* de Joseph Nye, que defende que o poder nas Relações Internacionais também deve ser compreendido como a capacidade de um país de influenciar outros países, a agir, pensar ou almejar os mesmos objetivos deste (NYE, 1991). Com a intenção de conectar esses autores e suas ideias, esse TCC trouxe por fim o conceito de hegemonia, em especial o de Gramsci, haja

visto que para esse autor a hegemonia é a orientação cultural, a direção, a dominação e a manutenção do poder exercido pelas classes dominantes através da junção de força e persuasão, visando elaboração de consenso para fixação de significados sociais, crenças e diversas formas de construções simbólicas, que acabam por determinar, dialeticamente, a dinâmica da infraestrutura econômica.

A sétima arte foi escolhida como objeto específico para a presente análise por ser facilmente absorvida por seus espectadores pela sua transparência narrativa e principalmente por estar atrelada, no caso das grandes produções, à classe dominante.

Não tem como desconsiderar a imensa rede de canais de distribuição do cinema de Hollywood e o grande teor de universalidade presente nos discursos de suas produções, especialmente nas de maiores orçamentos. Os filmes estadunidenses são distribuídos em mais de 150 países, dominando a maior parte dos canais de distribuição do mundo, uma verdadeira arma política onde “uma câmera é mais poderosa que as armas” como citou Ben Affleck, ator e diretor de “Argo” (2012) que retrata uma situação verídica do uso de Hollywood para fins diplomáticos do governo dos EUA.

Encontra-se raízes do uso político do cinema nas produções de Eisenstein e Lenin no início do século XX na Rússia (VENTURA, 2005). Segue com o cinema do nazismo nos anos 1930 e é aperfeiçoado por Hollywood com produções como “Why we fight” (1943), inovando no uso do cinema como meio de reforçar a identidade nacional do país para seu povo e visando reforçar os ideais estadunidenses perante o mundo.

Na seção 2 deste trabalho, disserta-se sobre a Indústria de Hollywood, sua história, a força da sua distribuição, além de se procurar demonstrar os vínculos entre Hollywood e o governo dos EUA, com exemplos de filmes que demonstraram este vínculo com a diferenciação entre “nós” e “outros”, com esse outro sendo retratado como o inimigo. Procura-se demonstrar que os filmes de Hollywood, em geral, visam validar perante o mundo os valores da classe dominante estadunidense e assim justificar a política externa do país. Assim, é uma das hipóteses iniciais que os filmes de Hollywood não apenas refletem o momento histórico no qual estão inseridos, mas também são influenciados a refleti-lo a partir de certa visão de mundo. Outra hipótese levada em conta é que o governo dos EUA junto da sua classe dominante tem consciência da importância de Hollywood e continuam a utilizá-la como meio de propagação de seus valores e seus ideais.

Na seção 4 procura-se revisar os filmes de Hollywood com maiores orçamentos. Foram selecionados aqueles com os maiores custos de produção, ou seja, não estão incluídos os custos de marketing, muitas vezes próximos aos de produção. Foi feito um levantamento desses custos de produção em sites especializados como o imdb.com, variety.com, thewrap.com, hollywoodreporter.com e deadline.com. Dados levantados da Wikipedia foram usados como uma espécie de confirmação dos valores citados nesses sites especializados em cinema. Por vezes foi mencionado nesses sites a dificuldade que é saber com exatidão os orçamentos de uma produção de Hollywood, pois muitas vezes, principalmente quando o orçamento é muito elevado, o estúdio segura a informação do valor total até a estreia, pois caso o valor seja divulgado e o filme fracasse, as ações da empresa poderiam ir ao fundo do poço, causando até a falência. Vale também ressaltar que em vista dos sites consultados apresentarem os valores de orçamento com valores da época de sua produção, foi feita uma atualização desses valores com a inflação acumulada até o final de dezembro de 2022.

A partir dessa lista inicial, é feita uma análise mais minuciosa nos 40 filmes de maior orçamento, todos com custo de produção superior a 300 milhões de dólares, onde se identifica os principais temas, em especial quais ameaças, inimigos e amigos presentes nesses 40 filmes. Os demais filmes da lista, serão analisados superficialmente, apenas com a leitura de suas sinopses e classificação do tipo de filme, para corroborar ou não a tendência encontrada nos 40 filmes de maior orçamento da história do cinema. Parte-se da hipótese que haverá uma certa diversidade de temas, mas que guerra, solução de conflitos via uso de armas e a figura dos EUA como salvadores da pátria devem ter presença preponderante, pois estaria alinhada ao que normalmente é estudado em relação a política externa dos EUA.

Como justificativa, defende-se ser necessária uma consciência de que os filmes de Hollywood não são apenas entretenimento, mas parte da extensa rede de poder da hegemonia dos EUA e, por consequência, de sua classe dominante. Também necessário descobrir como o elemento amigo/inimigo, tão presente nos questionamentos teóricos das Relações Internacionais, ao se maquiar por entretenimento, acaba por legitimar políticas estadunidenses. Assim, estudar a produção de Hollywood pode ser uma proveitosa ferramenta para entender as relações de influência e de poder da classe dominante no cenário internacional.

2 ERA UMA VEZ... UM POUCO DA HISTÓRIA DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA DE HOLLYWOOD

2.1 O começo

Hollywood é uma cidade - distrito de Los Angeles - conhecida por abrigar grandes centros de produções cinematográficas. O começo dessa história, segundo o Instituto de Cinema (MARQUES, 2022), está ligada a Thomas Edison, realizador de inúmeras patentes nos EUA. A Edison é atribuída a invenção de diversos dispositivos tecnológicos (como a lâmpada incandescente e o fonógrafo). Teve importância também na evolução do cinescópio, uma câmera de filme primária.

Edison realizou, no final do século XIX e início do XX, diversas patentes referentes a dispositivos para produção de filmes, as quais utilizou como meio para persuadir outros detentores de patentes a formarem uma associação: A MPPC - Motion Pictures Patents Company, formada pelas empresas Biograph, Essanay, Vitagraph, Selig, Lubin, Kalem, Pathé, Star e George Kleine.

Sob comando de Edison, a MPPC detinha patentes de filmes, câmeras, projetores e outros equipamentos. Tornaram-se extremamente poderosos, e distribuidores e realizadores passaram a ter obrigação de pagar direitos autorais. Edison levava a maior parte. Isso se fortaleceu quando a Eastman Kodak - líder do mercado estadunidense de filmes virgens - concordou em fornecer material apenas para produtores associados à MPPC, levando-a a controlar tudo na área: as câmeras de cinema, produção dos rolos de filme, os estúdios que os faziam, além de patentes sobre projetores.

Algumas pessoas que faziam parte da indústria decidiram ir por outro caminho para realizarem suas produções: a fuga. O destino seria a Califórnia, com juízes não tão dispostos a darem atenção às patentes de Edison e a distância da MPPC. Surge daí Hollywood que ainda contava com a vantagem de possibilitar gravações externas durante todo o ano e com excelente luz natural. Criam-se então nove grandes estúdios, o chamado Big Eight. Metro-Goldwyn-Mayer (MGM), Paramount, Warner Bros, RKO, Fox, Universal, Columbia, United Artists e Universal. Esta última fundada pelo imigrante alemão Carl Laemmle que também salvou centenas de judeus do Holocausto.

Em uma década o método dos pequenos empreendedores que viram Hollywood como saída passou a dominar o cinema. Os estúdios estavam presentes em todo o processo, da

produção à distribuição e até publicidade e exibição. Controlavam praticamente o mercado internacional, cada qual a seu estilo próprio e com seus próprios criadores e estrelas. MGM, o mais glamouroso. Paramount, o mais europeu. Warner Bros estava em sintonia com a classe trabalhadora. Universal Pictures ficou associada aos filmes de terror. Columbia cresceu graças aos seus diretores criativos. RKO procurava extrair boas rendas com seus astros. Fox tinha apuro técnico e brilho visual. E surge a United Artists (UA), por três grandes estrelas de Hollywood, Douglas Fairbanks, Mary Pickford e Charlie Chaplin, juntos ao diretor D. W. Griffith. A UA começa quando os artistas se sentiram insatisfeitos com a falta de autonomia das produtoras. Não tinham astros e equipe técnica contratada, e atuava como distribuidora de produtores independentes.

Hollywood pode ser considerada a principal responsável pela transformação do cinema em produto, em linha com o conceito de “indústria cultural” criado por Adorno e Horkheimer que, de modo resumido, designa a produção cultural feita com os princípios da produção industrial. Chegou-se ao ponto em que o termo Hollywood não é mais utilizado apenas para filmes lá gravados, mas para filmes que se originam nos EUA.

2.2 As conexões entre Hollywood e o governo

A indústria cinematográfica estadunidense expandiu continuamente durante a Primeira Guerra Mundial. Os EUA mantiveram sua produção cinematográfica, ao contrário da Europa, que suspendeu sua produção. O presidente Woodrow Wilson enxergou o potencial político de Hollywood como veículo para transmitir os valores estadunidenses, ao ponto de efetivar uma parceria oficial entre Washington e Hollywood, criando um comitê no congresso sobre informação pública. Sua ordem era vender a guerra em casa e difundir o ‘evangelho do americanismo’ no exterior, como o capitalismo e o individualismo, promovendo a cultura e os valores estadunidenses através dos filmes. (FRASER, 2005: 62-63).

Nesse aspecto, a cientista social Maria Sylvia de Carvalho (1976) colocou o problema desse “espalhamento do evangelho” por meio da indústria cultural ou “circulação de ideias”, conforme suas palavras, do seguinte modo: a circulação de mercadorias e sua absorção pelos países dependentes ou atrasados é inerente à natureza dos mercados internacionais, isto é, se explicam pela divisão do trabalho social. Mas como se materializa a circulação de ideias? Pela

via de uma indústria cultural dos centros hegemônicos que criaria e determinaria seus consumidores, suas preferências intelectuais e seu gosto.

Não se tratava apenas de disputa por mercados, pois nesse contexto bélico a finalidade passou a ser política e por fim militar: a cooptação ideológica no esforço de guerra. Fato esse que garantiu aos EUA liderança absoluta nesses mercados, o meio de circulação de ideias e ideologias como bens de consumo de massa.

Assim, como produto acabado do capitalismo, como um bem de consumo de massa, o cinema hollywoodiano tem compromissos políticos e ideológicos e se articula diretamente com a política externa dos EUA. Uma verdadeira nova arma para a hegemonia estadunidense na segunda guerra mundial. Curiosamente, à exceção do caso de Charles Chaplin com o filme “O grande ditador” (1940), essa nova arma não foi usada de forma frontal contra o nazismo. O cinema de Hollywood foi estruturado numa estratégia defensiva, não ofensiva, na qual o alvo era a América Latina, motivo pelo qual o alvo não foram inicialmente os nazistas, que eram só mencionados. Temos como bom exemplo o presidente Franklin Roosevelt e sua Política da Boa Vizinhança, com aproximação cultural a outros países, como a homenagem feita ao Brasil com a criação do personagem Zé Carioca por Walt Disney. Na mesma época, Carmen Miranda (1909-1955) inicia sua carreira nos EUA, tornando-se uma das principais estrelas da época. Com a guerra em andamento, o sentimento de que os filmes procuravam passar era o de escape. Um respiro contra tudo o que acontecia. E nada melhor que uma mente distraída para se implantar sementes ideológicas.

3 MARCO TEÓRICO

3.1 Ideologia para Althusser

Em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (1970), Althusser escreve que dentro do âmbito teórico, a tradição marxista atribui ao Estado um caráter repressivo, isto é, Althusser reconhece ali um aparelho essencialmente repressivo, mas complementa colocando que a teoria marxista do Estado, mantendo-se nesse “estágio”, permanecia como “teoria descritiva”, na “primeira fase de toda teoria”, assim se propõe a contribuir com a superação dessa “fase descritiva”. Em suas palavras:

[...] a teoria descritiva do Estado é correta [...]. Assim, a definição do Estado como Estado de classe, existente no aparelho de Estado repressivo, esclarece de uma maneira fulgurante todos os factos observáveis nas diversas ordens de repressão sejam os seus domínios quais forem [...]. Contudo, a teoria descritiva do Estado representa uma fase da constituição da teoria que exige por si mesma a “superação” desta fase (ALTHUSSER, 1970, p. 34-35).

Nesse processo, Althusser (1970) contribui com seus estudos sobre os aparelhos ideológicos de Estado que, para ele, são “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1970, p. 43). São um sistema de instituições, organizações e práticas correspondentes, definidas. O autor faz uma listagem empírica desses aparelhos, incluindo aparelho escolar, familiar, religioso, político, jurídico, sindical, informativo e cultural, mas com o cuidado de deixar de fora o que integra o aparelho repressivo do Estado, como o a força policial, o exército, as prisões, os reformatórios e todo aquele que atua de forma dominante pela violência e não pela ideologia, já que essa é vista pelo autor como instrumento de persuasão e não como elemento de repressão. No entanto, Althusser (1970) afirma que nenhum aparelho atua de modo único, ou seja, só pela violência ou apenas pela ideologia, mas há um funcionamento simultâneo, onde pode prevalecer um dos dois conforme as circunstâncias. É necessário então se mostrar os mecanismos que a ideologia utiliza para levar os indivíduos a agirem sozinhos, “na conversa”, sem a necessidade de agentes de repressão, quer estes “atuem” a favor da exploração de classe ou contra ela.

A lista empírica apresentada é grande, mas então o que unifica todos esses aparelhos ideológicos? Para Althursser (1970), o amálgama unificador é a ideologia dominante, consequência natural do fato de que a classe que toma o poder de Estado é a mesma classe que vai atuar nos aparelhos ideológicos e repressivos de Estado:

[...] nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado. [...] os Aparelhos Ideológicos de Estado podem ser não só o alvo, mas também o local da luta de classes e por vezes de formas renhidas de luta de classes (Ibid., p. 49).

Mas, se os aparelhos são “de Estado”, porque estamos propondo falar de cinema, que é predominante da área privada nos EUA? Como afirma Althusser (1970, p. 45), “a distinção entre o público e o privado é uma distinção no interior do direito burguês”, que apenas define

as pessoas jurídicas que detêm a propriedade formal de uma ou de outra instituição, de modo que “o domínio do Estado escapa-lhe porque está ‘para além do Direito’”, afinal, “o Estado, que é o Estado da classe dominante, não é nem público nem privado”. Assim, o argumento jurídico para contrariar sua tese não serve, já que seu objeto não é o direito, mas sim, a luta de classes e as relações de classe, além de que o Estado e seus aparelhos são sempre instrumentos da classe dominante, independente do Direito constitucional que o define. Ou seja, trata-se de uma mera ilusão, mas que tem uma função. Qual? Para Althusser (1970), sua função é certificar a reprodução das relações de produção, que são essencialmente relações de exploração. “*como é assegurada a reprodução das relações de produção?* [...] é, em grande parte, assegurada pela superestrutura jurídico-política e ideológica” (ALTHUSSER, 1970, p.??). Colocação essa que se alinha com Marx (2013, p. 641) que já dizia: “[...] todo processo social de produção é simultaneamente processo de reprodução. As condições da produção, são ao mesmo tempo, as condições da reprodução”. Portanto, a existência de toda formação social, enquanto resultado de modos de produção dominantes, deve reproduzir as suas condições de produção existentes.

Assim, a ideologia dominante procura manter a “homeostase” nesse sistema configurado pelo aparelho repressivo e os aparelhos ideológicos de Estado, com o objetivo de assegurar a reprodução dessas relações de exploração. A violência dos aparelhos repressivos garantem as condições políticas que permitem o funcionamento dos aparelhos ideológicos e por consequência a reprodução das relações de produção.

Althusser (1970) afirma no livro “Aparelhos Ideológicos de Estado” (p.82) que não são as suas condições reais de existência, seu mundo real que os “homens” “se representam” na ideologia. O que é nelas representado é, *a priori*, a sua relação com as suas condições reais de existência. Assim, é esta relação que está no centro de toda representação ideológica, e, portanto, imaginária do mundo real e é nela que está a “causa” que deve dar conta da deformação imaginária da representação ideológica do mundo real. Assim “A Ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1970, p.85). Analisando por outro ângulo, Althusser (1970) afirma:

[...] as “ideias” de um sujeito humano existem nos seus atos, ou devem existir nos seus atos, e se isto não acontece, empresta-lhe outras ideias correspondentes aos atos (mesmo perversos) que ele realiza. Esta ideologia fala dos atos: nós falaremos de atos inseridos em práticas. E faremos notar que estas práticas são reguladas por rituais em que se inscrevem, no seio da

existência material de um aparelho ideológico [...] (ALTHUSSER, 1970, p. 87).

Portanto, a ideologia passa a ser entendida no campo da prática-social e como categoria específica de determinada formação social, em linha com Pêcheux (1996, p. 143): “ideologia não se compõe de “ideias”, mas de práticas”. Essas práticas não estão no mundo das ideias de Platão, mas em instituições e nas práticas próprias dessas mesmas instituições. A ideologia apresenta uma materialidade. Segundo Althusser (1970, p. 88-89):

a existência das ideias da sua crença [do sujeito] é material, porque as suas ideias são atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas por rituais materiais que são também definidos pelo aparelho ideológico material de que relevam as ideias desses sujeitos.

Assim, a ideologia materializa-se nos atos dos indivíduos, constitui e é ao mesmo tempo constituída pelos sujeitos. Como demonstração, utiliza a religião como exemplo da materialidade da ideologia:

... a existência das ideias de sua crença é material, pois suas ideias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas por rituais materiais, eles mesmos definidos pelo aparelho ideológico material de onde provêm as ideias do dito sujeito... (ALTHUSSER, 1970, p.88-89).

As ideias desaparecem enquanto tais (enquanto dotadas de uma existência ideal, espiritual), na medida mesma em que se evidenciava que sua existência estava inscrita nos atos das práticas reguladas por rituais definidos em última instância por um aparelho ideológico. O sujeito, portanto, atua enquanto agente do seguinte sistema (enunciado em sua ordem de determinação real): a ideologia existente em um aparelho ideológico material, que prescreve práticas materiais regulares por um ritual material, práticas estas que existem nos atos materiais de um sujeito, que age conscientemente segundo sua crença (ALTHUSSER, 1970, p.91-92).

Pode-se dizer então, e a realidade atual da política brasileira confirma, que não há prática sem ideologia e só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos (ALTHUSSER, 1970, p. 91). Por outro lado, “... a ideologia sempre-já interpelou os indivíduos como sujeitos, o que nos leva a precisar que os indivíduos são sempre-já interpelados pela ideologia como sujeitos” (ALTHUSSER, 1970, p. 102), o que direciona o autor a concluir que “A Ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (ALTHUSSER, 1970, p. 93). Ou seja, a ideologia impõe (mas sem parecer que o faz, pois que se trata de evidências) (ALTHUSSER, 1970, p. 96).

3.2 INDUSTRIA CULTURAL

Ao se falar em indústria, não estamos mais nos referindo ao seu sentido original de habilidade e perseverança, mas a um conjunto de empresas fabris, produtivas e correlatas, ou seja, a indústria passou de habilidade individual para uma instituição social que permeia toda a sociedade. Ela é predominantemente técnica, o que nos leva a conviver com uma sociedade conduzida não por um projeto político e ideológico, mas pela técnica. A técnica passa a ser a nova estrutura ideológica. É o sujeito maior, não o meio.

Por outro lado, a cultura na visão de Adorno é uma mercadoria paradoxal. Desde o início da Civilização Ocidental moderna, já existia a arte erudita e outra popular, que fazia a função de entretenimento que a indústria cultural tem hoje. Mesmo as puras obras de arte, que negam o caráter mercantil da sociedade, pelo simples fato de seguirem sua própria lei, sempre foram concomitantemente mercadorias, à medida que estavam subordinadas aos seus patronos e aos seus objetivos.

O conceito de Indústria Cultural (ADORNO e HORKHEIMER, 1985) surge na Escola de Frankfurt para definir a existência da arte como produto, feita apenas para ser consumida pelo espectador, contrariando a ideia de se tratar de uma cultura de massa. Essa nova definição denota uma cultura fabricada que tem as massas como público-alvo e principais consumidores. Ou seja, não é produzido por eles e sim para eles. Adorno vai afirmar que para a Indústria Cultural o consumidor não é rei nem sujeito, mas seu objeto. Ele contundentemente afirma: na indústria cultural, as massas são sua principal ideologia.

Como a nomenclatura induz, a Indústria Cultural é uma fábrica de produtos culturais, como filmes, jornais, rádios, programas de televisão ou músicas, impactando sobre a natureza da cultura e da ideologia nas sociedades modernas. Ela não só edifica a mercantilização da cultura, como também é legitimada pela demanda desses produtos. Nessa concepção, a análise da ideologia não pode mais se limitar ao estudo na área política, mas deve ser ampliada para incorporar a estruturação das relações na sociedade, a forma como se produz e se intensifica a massificação do indivíduo.

A Indústria Cultural possui um caráter comercial, sua produção é em grande escala, com seus produtos priorizando a forma ao conteúdo. Há mais investimento na elaboração da técnica e com o registro estatístico dos consumidores do que a do tema que será apresentado. O que está projetado na tela pretende entreter, e não exigir esforço de compreensão do espectador. A

vida perfeita da tela é a vida desejada do indivíduo que não encontra isso no seu dia a dia. É gasto muito mais dinheiro e tempo na produção de efeitos especiais do que na pesquisa e formulação de temas relevantes, pois não há comprometimento com o esclarecimento do indivíduo e assim, sem o caráter crítico trabalhado, cada vez mais ele aceita o que lhe é mostrado. Como Adorno e Horkheimer (1985) afirmam, a cultura não ajuda somente a refrear os instintos bárbaros, mas também colabora para que os instintos revolucionários não sejam atizados. O inimigo que se combate na indústria cultural, é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante. Assim, a despeito de sua postura aparentemente democrática e liberal, a cultura massificada realiza os ditames de um sistema de dominação econômica que necessita, porém, de uma concordância das pessoas para a legitimação de sua existência.

Nas telas dos cinemas, aparecem retratados o apreço pela paz, a disseminação da democracia, o respeito pela diversidade cultural: valores que passam a ser objeto de admiração e inspiram à formação dos indivíduos, já que, “quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 104).

O que motiva o espectador a buscar os enlatados culturais é a promessa de que encontrará a fuga da rotina, verá projetado nas telas os objetos que deseja consumir e o estilo de vida que gostaria de ter, além de suprir a necessidade de aproveitar seu tempo livre. Esta indústria vende ilusão.

Adorno e Horkheimer veem a produção industrial dos bens culturais como movimento global de produção da cultura como mercadoria. Os produtos culturais, os filmes, os programas radiofônicos, as revistas apresentam a mesma racionalidade técnica, o mesmo esquema de organização e de planejamento administrativo que a fabricação de automóveis em série (fordismo) ou os projetos de urbanismo. Para Adorno, cada setor da produção é uniformizado e todos o são em relação aos outros. Assim, conclui Adorno (1985, p.114):

sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositadamente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (1985,114).

Portanto, a indústria cinematográfica através de sua ideologia disfarçada de diversão, tornou-se um grande negócio que procura satisfazer as necessidades de quem quer escapar do trabalho mecanizado condicionado. A diversão é vista como algo que favorece ao indivíduo a resignação e que ao mesmo tempo quer se esquecer de que ela existe. Divertir significa sempre esquecer o sofrimento, mesmo que este seja mostrado através de uma reprodução cinematográfica como parte de um contexto artístico. As pessoas tornam-se tão persuadidas que dificilmente tendem a colaborar para uma mudança. O sistema força as pessoas a serem o que elas não são e, para isso, usa como artifício os meios de comunicação que retratam uma vida feliz, como se fosse um espelho da própria sociedade refletida na tela.

3.3 Soft Power

Guilherme A. Silva e Williams Gonçalves (2005, p.209), em seu *Dicionário de Relações Internacionais*, comentam:

O conceito de poder é bastante controverso no que diz respeito à sua natureza e à sua função para as relações internacionais. Com frequência, poder é relacionado a termos concorrentes, como influência, autoridade, controle, coerção, força, persuasão, entre outros.

Assim, o conceito de Poder admite diversas visões: a capacidade de realizar algo; a capacidade de resistir a pressões; a habilidade e competência em se conseguir os resultados desejados afetando o comportamento das pessoas, de modo a viabilizar tais resultados; etc. De forma resumida, podemos dizer que Poder é a capacidade de realização, mesmo com ações em contrário. É a habilidade de influenciar os outros a fazerem o que se quer que eles façam.

No início da década de 1990, Joseph Nye Jr. (2004) buscou diferenciar as formas de execução e manutenção de poder em seu livro “Bound to Lead: the Changing Nature of American Power”: soft power e hard power. O tema foi retomado em publicações posteriores, mesmo não tendo indicado pontos teóricos capazes de sustentar tal divisão. Para Nye, poder se refere à “capacidade de obter os resultados desejados e, se necessário, mudar o comportamento dos outros para obtê-los” (NYE, 2002, p. 30). Poder é também como amor, mais fácil de se experimentar que definir ou medir, mas não menos real por isso (NYE, 2004: 1). Alerta, ainda, que pelo fato de não serem estáticas, as fontes de poder estão em constante mudança.

Nye (2004) propõe uma clarificação das fontes do poder, para uma melhor avaliação das novas dinâmicas internacionais. Ele divide as opções que o Estado tem para atingir seus objetivos em três categorias gerais: 1) coagir com ameaças; 2) aliciar com pagamentos; e, 3) atrair e cooptar.

Segundo Nye (2004), a era da informação cibernética expandiu significativamente a eficácia da terceira categoria, relacionada ao que ele denomina Soft Power e que se contrapõe ao Hard Power relacionado às duas primeiras.

Quanto ao Hard Power, tem suas raízes em forças militares e econômicas e é a maneira de execução de poder mais tradicional, que ameaça e induz o outro de forma direta, em oposição ao modo indireto do Soft Power que seduz e atrai por meio da venda de valores do país, de ideologias, fazendo com que outros o admirem por seu estilo de vida, produtos e cultura, conquistando mentes.

O poder exercido de forma bruta, com caráter militar, pode ser encontrado em ações de diplomacia coercitiva, ou seja, negociações que deixam claras as condições de ameaça ou também através de alianças militares. No setor econômico, essa forma de poder pode aparecer em sanções e subornos. Exemplos que bem ilustram o uso do Hard Power são as invasões do Afeganistão e do Iraque nos anos 2001 e 2003 respectivamente. Naqueles momentos, os Estados Unidos buscaram se impor e conquistar seus objetivos através da utilização de força bélica, típica da execução de Hard Power.

Nye (2004) considera que o Hard Power é essencial, mas argumenta que tal meio não garante o êxito em política internacional e, por vezes, detona em vez de potenciar as metas que se pretende atingir. Ressalta que apesar da concentração de poder em posse hoje pelos Estados Unidos, seu poder é insuficiente para enfrentar problemas globais como a degradação ambiental, o terrorismo e a proliferação de armas de destruição maciça num cenário internacional mais incerto e com maiores vulnerabilidades.

Nye (2004) exemplifica este último aspecto, alertando para a perda de Soft Power por parte da União Soviética após a invasão da Checoslováquia, em 1968, apesar do seu poderio militar e econômico ter continuado a aumentar. As políticas de imposição da URSS utilizando a força militar impuseram um golpe sério na sua própria imagem e prestígio, da qual jamais se recuperou. Do mesmo modo, os Estados Unidos não podem e nem devem começar guerras onde

lhes aprovar, sem correr o risco de perder uma parte importante do apoio da comunidade internacional.

No que se refere ao Soft Power, no prefácio do livro *Soft Power: The Means to Success in World Politics* (2004) – o autor define Soft Power basicamente como uma capacidade persuasiva de poder, ou seja, a capacidade de um Estado obter algo através de um efeito de atração e não por coerção ou pagamento, e assenta fundamentalmente no potencial atrativo da universalidade da cultura de um país, dos valores políticos, e das suas políticas. Assim, o Poder Brando repousa na capacidade de moldar as preferências dos outros (NYE, 2004).

Apesar de não ser considerado tão tradicional, o poder brando ocorre há muito tempo. Nye (2004) o resgatou e adaptou. Já era presente, por exemplo, após a Guerra Franco-Prusiana, no século XIX, quando o governo francês, que tinha sido derrotado na guerra, lançou mão de uma política de promoção de sua língua e literatura através da Aliança Francesa, para que assim reconquistasse credibilidade, admiração e, por consequência, cooperação (NYE, 2002). O estrategista chinês Sun Tzu já prescrevia o soft power há cerca de 2.500 anos, ao destacar que tinha maior valor obter a vitória e subjugar o inimigo sem lutar; que a maior glória é triunfar por meio de estratégias; e que toda a campanha militar repousa na dissimulação (SUN TZU, 2012), Nicolau Maquiavel (1973), em - O Príncipe: escritos políticos -, recomendava nunca tentar ganhar pela força o que se podia ganhar pela dissimulação.

Na concepção de Nye (2004), o soft power atua no campo psicossocial, onde é exercido pelos mais poderosos e pelos que dispõem de mais conhecimento e iniciativa, de modo a afetar o comportamento das pessoas, e, por consequência, das instituições e de países, mediante convencimento. Compreende desde ações e atitudes de longo prazo e maturação, como o desenvolvimento de credibilidade e prestígio, a criação de ambiente favorável ou desfavorável a iniciativas de variada natureza (mediante intercâmbios, mudanças de legislação, indução a alterações comportamentais do público-alvo, etc.), às ações destinadas a atender casos pontuais de curto prazo, que, usualmente, terão como base aquilo que é moldado pelas ações e atitudes de longo prazo (NYE, 2004).

Vale atentar que Nye (2004) também destacou que o soft power engloba a capacidade de restringir as opções daqueles que sofrem a ação, assim como moldar a agenda internacional. Mostrou que “[...] se um país consegue moldar as regras internacionais de forma consistente com os seus interesses e valores, as suas ações terão maior probabilidade de parecer legítimas

aos olhos dos outros”; e que a capacidade de controlar as instituições internacionais reforça o soft power. Quando os países fazem o seu poder parecer legítimo perante os olhos dos outros, encontram menor resistência para as suas aspirações (NYE, 2004, p. 10-11). Ressalta-se que o poder brando não exclui a necessidade de se dispor dos poderes militar e econômico. Entretanto, permite menor dispêndio para aquele que aplica o poder e, conseqüentemente, maior eficiência (NYE, 2004). Assim, observa que na política mundial contemporânea é possível, e cada vez mais provável, que um “país obtenha os resultados que quer porque os outros desejam acompanhá-lo, admirando os seus valores, imitando-lhe o exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e liberdade” (NYE., 2002-*b*, p. 36).

O autor também chama a atenção que não se pode considerar o soft power apenas como sendo um poder de influência. Embora seja sim uma fonte de influência, o soft power também deve ser considerado como poder de atração. O autor se justifica lembrando que é possível exercer influência por meio de ameaças ou efetuando recompensas. Contudo, o soft power é mais que influência ou persuasão, ou ainda, a simples capacidade de movimentar as pessoas em face da argumentação. Soft power incentiva a cooperação, usando uma “moeda diversa da constrição e do dinheiro” ao se fundar sobre o senso de atração (NYE, 2009. p.37).

Para Joseph Nye (2009), o soft power depende em muito da reputação e credibilidade do ator no sistema internacional, e do fluxo de informações entre atores. Além disso, o autor identifica na cultura popular e na mídia fontes de soft power muito influentes, tendo em vista que se trata de um tipo de poder que, em tese, pode ser compartilhado entre diversos atores (NYE, 2004-*b*. p. 5).

Outro raciocínio interessante que o autor desenvolve diz respeito à necessidade de “conversão do poder”. Para o autor, é necessário que o poder potencial seja convertido em poder real. A mídia, em geral, consegue fazer essa conversão com grande eficiência, pois diante da abundância de informação, são os meios de comunicação de massa que primeiro filtram os fatos relevantes e os transformam em notícias levando-os ao conhecimento público.

Ao lembrar as palavras do filósofo Francis Bacon, de que informação é poder, Nye (2002) relembra que no século XXI cada vez mais a população terá acesso a esse tipo de poder (NYE, 2002, p. 83-85). O que favorece essas alterações são os avanços tecnológicos na área da informática e das comunicações que, ao terem seus custos reduzidos, oferecem maiores possibilidades de processamento e transmissão da informação pelo mundo.

Contudo, Nye (2002) sustenta que a capacidade de obtenção de informações e de ação a partir delas não é algo que todos os atores das Relações Internacionais consigam fazer em tempo hábil. Ou

seja, em sua visão, a informação se torna poder na medida em que ela ainda se encontra concentrada em quem a descobriu e, com isso, poderá decidir o momento de espalhá-la ou não.

Nye (2002) procurou mostrar que, à medida em que o tempo foi passando e à medida em que a credibilidade se transforma num recurso crucial de poder, tanto para os governos como para as ONG, a fonte do poder se transferiu do poderio militar para a força econômica e, posteriormente, desta para o domínio do conhecimento e da informação (NYE, 2002-a. p. 257).

Em palestra ministrada na FAAP em 2010, intitulada *Smart Power e a Política Externa do Governo Obama*, Nye chamou atenção para a interessante trajetória do conceito de soft power que, de uma ideia inicialmente acadêmica, evoluiu para um uso muito mais amplo. Deu como exemplo o pronunciamento do presidente Hu Jintao (2003-2013) para a Assembleia Geral do Partido Comunista chinês, em 2007, quando afirmou textualmente: “Precisamos desenvolver o nosso soft power.” E deu dois exemplos importantes do uso de recursos militares, normalmente associados ao hard power. O primeiro, da Marinha dos EUA prestando assistência aos povos dos países asiáticos atingidos pelo tsunami. O segundo, do Exército do Brasil em operações de manutenção da paz no Haiti.

Nye (2010) afirma que o poder bruto tem sido reprovado principalmente por três motivos. Primeiramente, por acarretar altos custos. Também devido a não tolerância do sistema internacional a atitudes colonialistas. E por fim, por causa do grande número de baixas ocasionadas por guerras. Nye (2004) evidencia o descaso americano em relação ao poder brando ao afirmar que se fosse gasto 1% do orçamento militar no programa de diplomacia pública, o investimento já seria quadruplicado. Contudo, o controle sobre a execução do poder brando foge às mãos do governo podendo este ser posto em prática por empresas ou grupos não governamentais (NYE, 2002).

Essa informação do autor também retrata que o principal agente fortalecedor do poder brando estadunidense não é o governo, mas sim os atores particulares, como multinacionais (as da informação já compreenderam que a informação não é apenas um instrumento de propaganda e que o seu controle pode trazer muitos lucros), organizações não-governamentais (ONG - levadas em conta pelos governos, seja como aliadas ou como adversárias) e os estúdios hollywoodianos. Estúdios, roteiristas e produtores fortalecem o poder brando de seu país ao lançar e divulgar mundialmente filmes carregados de ideais e modelos estadunidenses. É por meio de Hollywood que a fama de invencível e invulnerável dos EUA se propaga bem como seu renome de nação benevolente, protetora e solucionadora de conflitos, mesmo tendo o ataque

de 11 de setembro de 2001 abalado este mito de invencibilidade estadunidense. Estados Unidos são, de longe o maior exportador de filmes e programas de televisão do mundo, muito embora a ‘Bollywood’ indiana produza mais filmes por ano” (NYE, 2002, p.76), e com isso eles ainda despertam o interesse de jovens que querem vivenciar a rotina estadunidense do high school, atraem migrantes que tanto veem nos filmes os EUA como um lugar de liberdade e igualdade e recebem visitas de milhões de estrangeiros por ano.

Nas últimas duas décadas, ocorreu de forma marcante a revolução da informação, fator de extrema importância na execução do poder de maneira branda e que deixa clara a relevância de Hollywood e da internet como elementos responsáveis pela homogeneização cultural do mundo. Os EUA se beneficiam destes fatores devido ao chamado americanismo “[...] uma vez que grande parte da revolução da informação provém dos Estados Unidos e grande parte do conteúdo das redes de informação global normalmente é criada no país o que aumenta o ‘poder brando’ norte-americano.” (NYE, 2002, p. 140).

A princípio soa estranho, mas até as forças militares exercem papel importante na construção do soft power. Uma invasão justificada pela deposição de um ditador, ou uma intervenção militar em um país em nome dos direitos humanos é vista como legítima e feita em nome de valores compartilhados. Ataques justificados por motivos financeiros, como a existência de petróleo no local ocupado, costumam ser condenados pelos outros Estados. A atuação dos EUA nas guerras no Oriente Médio no início deste século demonstra como o hard power pode prejudicar o poder brando.

Até mesmo o terrorismo, sendo muito dependente da mídia para alcançar resultados, se utiliza do soft power. “O terrorismo é um teatro”, definiu Brian Jenkins (1974): os ataques terroristas são, via de regra, coreografados para atrair a atenção da mídia eletrônica e da imprensa internacional. Fazer reféns amplifica o drama. Se certas demandas não são satisfeitas, os reféns podem ser eliminados. Os reféns, geralmente, nada significam para os terroristas. O terrorismo visa as pessoas que assistem e não as suas vítimas reais. O terrorismo é um teatro (JENKINS, 1974. p. 4.).

Nye (2004) sustenta que, a partir de agora, uma grande habilidade passará a ser exigida dos maiores líderes mundiais: saber conciliar o hard e o soft power. Justifica que o soft power não é algo bom, por si próprio, e que nem sempre ele é melhor que o hard power, pois isso dependerá do caso em análise. Saber identificar qual é a melhor estratégia faz surgir um verdadeiro líder, com

poder de comando efetivo no cenário internacional (NYE, 2008. p. 43-44). Além disso, a mesma ferramenta pode ter efeitos opostos, em ambientes diferentes: os filmes de Hollywood são instrumentos do Poder Brando; mas as obras que demonizam o Islã minam a capacidade de aproximação do governo dos EUA com os países islâmicos (NYE, 2004). Uma demonstração de força militar pode ser percebida com admiração ou como intimidação. Acrescente-se que, em determinadas circunstâncias, provocar uma agressão por parte do influenciado pode ser o desejo do agente indutor.

O Estado como ator que executa de forma branda seu poder só terá sucesso na obtenção de seus objetivos caso adote uma política externa convidativa. Uma estratégia no momento da construção desta política é se apresentar favorável a valores que já são compartilhados e admirados, como erradicação da pobreza, disseminação da democracia e promoção da paz, pois “o país que consegue legitimar seu poder aos olhos dos demais encontra menor resistência para obter o que deseja. Contando ele com uma cultura e uma ideologia atraentes, os outros se mostram mais dispostos a acompanhá-lo” (NYE, 2002, p. 39).

3.4 Hegemonia

O termo hegemonia deriva do grego *eghestai*, que significa “conduzir”, “ser guia”, “ser líder”, ou também do verbo *eghemoneuo*, que significa “ser guia”, proceder’, “conduzir”, e do qual deriva “estar à frente”, “comandar”, “ser o senhor” (GRUPPI, 1978, p. 01). Para Gruppi, a forma como os gregos viam nesse vocábulo um equivalente para liderança, comando, revela um caráter militar inegável no termo hegemonia.

Apesar de ter suas origens na socialdemocracia russa e em Lênin, é Gramsci, situado na transição entre a primeira geração do marxismo e o marxismo ocidental (ANDERSON, 1989), que apresenta uma noção de hegemonia reconhecida como a mais elaborada para pensar as diversas configurações sociais que se apresentavam em distintos pontos no tempo e no espaço depois de 1870, período de expansão europeia. O desenvolvimento capitalista na sociedade burguesa alcançava novos contornos que, em sua complexidade, implicavam mudanças nas formas de conflito social.

Segundo Luciano Gruppi (1978, p. 1), “o ponto de contato mais constante e mais enraizado de Gramsci com Lênin é o conceito de hegemonia”. Lenin delimitou hegemonia como direção política, a partir da organização da classe trabalhadora, tendo em vista a

implementação de uma nova ordem social. Conquistar a hegemonia era, pois, uma parte central a ser resolvida política e teoricamente. Enquanto Lênin se refere somente à ditadura do proletariado ao falar de hegemonia, reforçando seu caráter coercitivo, Gramsci realça a importância de formar uma classe dirigente que se mantenha pelo consentimento das massas e não somente pela força coercitiva. Del Roio (2018), por sua vez, adverte que a hegemonia somente decorre desse modo enquanto fundada em uma dada materialidade definida no processo produtivo. Expressa-se, pois, na economia e na cultura, mediada pela política, complexo que organiza o conjunto da vida em sociedade.

A hegemonia gramscista corresponde à direção intelectual e moral (cultural) predominantemente nas sociedades num dado momento histórico e representa a primazia da sociedade civil sobre a sociedade política. Ela se processa na superestrutura e mantém vínculos dialéticos e orgânicos com a esfera econômica (infraestrutura). A complexa dinâmica hegemônica contempla a utilização de mecanismos de coerção e de consenso para a manutenção da ordem pelas classes dominantes sobre a sociedade. Quando há o predomínio da sociedade política ou do Estado na regulação social, tem-se a intensificação da coerção, que poderá chegar à ditadura, e, quando se tem o predomínio da hegemonia, é maior a direção moral e intelectual (cultural) da sociedade civil (PALUDO, 2001, p. 37). A noção de hegemonia propõe então uma nova relação entre estrutura e superestrutura e tenta se afastar da determinação da primeira sobre a segunda, mostrando a centralidade das superestruturas na análise das sociedades avançadas. Nesse contexto, a sociedade civil adquire um papel central, bem como a ideologia, que aparece como constitutiva das relações sociais.

Gramsci afirma que é muito comum um determinado grupo social, que está numa situação de subordinação com relação a outro grupo, adotar a concepção do mundo deste, mesmo que ela esteja em contradição com a sua atividade prática. Dias (1991) alerta que a capacidade de construção de uma hegemonia decorre da possibilidade de que uma classe fundamental, dominante ou subalterna, elabore sua visão de mundo; que essa classe seja capaz de estruturar o campo de lutas de modo a determinar frentes de intervenção e articular alianças e que essa construção de concepção de mundo precisa necessariamente estar atrelada a um programa de transformação radical da economia. Além disso, outro ponto importante na discussão sobre o estabelecimento de um aparato hegemônico é que o recurso às armas e à coerção é pura hipótese de método e a única possibilidade concreta é o compromisso já que a força pode ser empregada contra os inimigos, não contra uma parte de si mesmo que se quer

assimilar rapidamente e do qual se requer o entusiasmo e a boa vontade (Gramsci, 1978b, p. 33). Portelli (1977) observa também que a hegemonia não é exercida sobre toda a sociedade, mas somente sobre as classes aliadas, e para conter as classes opositoras a classe dirigente usa da coerção. É por isso que se pode falar de uma classe dirigente e dominante ao mesmo tempo. Nas palavras de Gramsci (2002, pp. 62-63):

a supremacia de um grupo se manifesta de dois modos, como “domínio” e como “direção intelectual e moral”. Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a “liquidar” ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições fundamentais inclusive para a própria conquista do poder); depois, quando exerce o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torna-se dominante, mas deve continuar a ser também dirigente.

Assim, temos inicialmente a origem de uma opinião consensual interna à elite e depois há uma propagação dessa concepção, buscando um consenso mais amplo na sociedade. Porém, um estágio mais avançado de hegemonia pressupõe o consentimento dos dominados, ou seja, que se incorpore uma visão de mundo que antes era externa.

Portelli (1977, p. 69) mostra que o aspecto essencial da hegemonia é justamente a criação de um bloco ideológico que possibilita à classe dirigente manter o monopólio intelectual, através da atração das demais camadas de intelectuais. Ele ressalta, no entanto, que esse monopólio ideológico garante não apenas que a classe fundamental exerça sua função dirigente, mas também sua função dominante, como no caso do “transformismo”, o qual seria a absorção dos intelectuais dos grupos inimigos e a decapitação da sua direção política e ideológica. Gramsci (1978) aponta que todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio deve tentar assimilar os intelectuais tradicionais, os representantes da estrutura econômica anterior e elaboradores do sistema hegemônico da classe dominante.

Por fim, numa nova abordagem de hegemonia, a de Laclau e Mouffe, A noção de antagonismo desempenha um papel central, pois o mesmo impossibilita a constituição de identidades plenas, na medida em que a presença do Outro impede a constituição do eu. Por outro lado, a força que antagoniza também não possui uma presença plena, mas apenas se constitui como um símbolo do não ser. Assim, o antagonismo constitui os limites de toda objetividade, a experiência do limite do social e sua impossibilidade de se constituir

plenamente, uma vez que nunca consegue instituir a sociedade (Laclau e Mouffe, 2004, pp. 168-169).

A importância do antagonismo se deve ao fato de que ele fecha toda possibilidade de uma reconciliação final e de um nós plenamente inclusivo; a ideia de uma esfera pública sem exclusões, dominada pela argumentação racional, constitui uma impossibilidade conceitual. O conflito e a divisão são necessários mesmo à formação de uma política democrática e plural (Laclau e Mouffe, 2004, p. 18).

Nesse sentido, o projeto democrático deve reconhecer que não há possibilidade de uma resolução final e que toda forma de consenso é resultante de uma articulação hegemônica. Os autores ressaltam ainda que essa articulação deve se desenvolver a partir de um enfrentamento com práticas articulatórias antagônicas; caso contrário não se pode falar de hegemonia. Desse modo, as condições necessárias ao estabelecimento de uma articulação hegemônica correspondem à presença de forças antagônicas e a instabilidade das fronteiras que as separam.

4 150 FILMES COM MAIORES ORÇAMENTOS DA HISTORIA DO CINEMA. DESTAQUE PARA OS 40 COM ORÇAMENTO MAIOR QUE 300 MILHÕES

Rank atual / Rank no lançamento	FILME	ANO	VALOR Original milhões	Valor em 2022 milhões	TIPO	
1	1	Piratas do Caribe: Navegando em Águas	2011	US\$ 410	US\$ 563	Ação/Aventura
		O passado do capitão Jack Sparrow volta a alcançá-lo quando ele cruza com Angelica, uma bonita pirata que Jack, um dia, amou e depois abandonou. Ela, então, o força a acompanhá-la ao navio Vingança da Rainha Ana, do famoso Barba Negra. Junto com uma tripulação de zumbis, o trio parte em busca da lendária Fonte da Juventude. Mas o rival de Jack, Barbossa, também cobiça a fonte, assim como um navio espanhol. Vilão: Barba Negra. IMORTALIDADE x MORTALIDADE. Zumbificação. Padre se apaixona por sereia com dente de vampiro. Ingleses x espanhóis x piratas guerreando pela FONTE DA JUVENTUDE				
2	2	Vingadores: Era de Ultron	2015	US\$ 365	US\$ 464	Ação/Aventura
		Ao tentar proteger o planeta de ameaças, Tony Stark constrói um sistema de inteligência artificial que cuidaria da paz mundial. O projeto acaba dando errado e gera o nascimento do Ultron. Com o destino da Terra em jogo, Capitão América, Homem de Ferro, Thor, Hulk, Viúva Negra e Gavião Arqueiro terão que se unir para mais uma vez salvar a raça humana da extinção. Vilões: Ultron, inteligência artificial que decide proteger o mundo de sua maior ameaça: os humanos; gêmeos Maximoffs são do LESTE EUROPEU e no começo lutam contra os Vingadores, depois Wanda se				

		torna uma Vingadora, numa clara referência que muitos dos países do leste europeu estavam o "LADO DO MAL" e depois passaram para o "lado do bem". Joia da mente x pequenez dos humanos.				
3	1	Piratas do Caribe: No Fim do Mundo	2007	US\$ 300	US\$ 447	Ação/Aventura
		Will Turner e Elizabeth Swann unem forças com o Capitão Barbossa para libertarem Jack Sparrow da prisão de Davy Jones. Enquanto isso, a tripulação do barco fantasma O Holandês Voador causa estragos nos Sete Mares. Os amigos devem navegar através de águas perigosas para enfrentarem o pirata chinês São Feng e, finalmente, eles devem escolher em que lado ficar na batalha, pois a vida do pirata está em jogo. Vilões: o pirata CHINÊS São Feng, chefiando a irmandade pirata, com os nove líderes piratas mais poderosos do mundo; O inglês Lord Cutler Beckett, da Companhia das Índias Orientais e que se preparava para dominar os mares eliminando a pirataria e tendo Jones, um dos piratas mais poderosos e temidos dos oceanos, como seu subordinado. Reviravoltas a partir de TRAIÇÕES ENTRE ALIADOS são uma constante no filme. A China é colocada como traidora dos EUA?				
4	4	Vingadores: Ultimato	2019	US\$ 356	US\$ 427	Ação/F. Científica
		Após Thanos eliminar metade das criaturas vivas, os Vingadores têm de lidar com a perda de amigos e entes queridos. Com Tony Stark vagando perdido no espaço sem água e comida, Steve Rogers e Natasha Romanov lideram a resistência contra o titã louco. Vilão: Thanos, alienígena que se diz alguém sábio e até mesmo justo. De fato, ele acredita que vai salvar a vida no universo se colocando no papel de um general ou um herói que precisa fazer sacrifícios para um bem maior, que é resolver a questão SUPERPOPULAÇÃO x ESCASSEZ DE RECURSOS e descrença na GESTÃO AMBIENTAL x DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. A concepção de Thanos lembra a teoria demográfica do economista britânico THOMAS MALTUS na obra "Ensaio sobre o Princípio da População", de 1798. Como disse o biólogo Jeff Nekola, "desintegrar aleatoriamente as pessoas lembra as estratégias dos DITADORES ao longo da história": exemplos como o Holocausto na Segunda Guerra Mundial, os assassinatos em massa do Khmer Vermelho no Camboja, o genocídio em Ruanda em 1994. MULHERES NO EXÉRCITO/EM COMBATE. A força de representatividade produzida pela crescente presença feminina no ramo dos super-heróis traz à tona o tema da desconstrução de PAPÉIS DE GÊNERO. As mulheres podem, sim, ser combatentes e lutarem nos campos de batalha, seja nas Forças Armadas, na vida real, ou nos grandiosos cenários dos filmes da Marvel. ABUSO E NEGLIGÊNCIA FAMILIAR. A relação de Thanos com suas filhas Gamora e Nebulosa constitui um triste exemplo de abuso familiar. Ele as criou para serem guerreiras e as colocava uma contra a outra, para se aperfeiçoarem e o auxiliarem em seu plano.				
5	4	Star wars: O Despertar da Força	2015	US 306	US\$ 389	F.Cient/Aventura
		A queda de Darth Vader e do Império levou ao surgimento de uma nova força sombria: a Primeira Ordem. Eles procuram o jedi Luke Skywalker, desaparecido. A resistência da REPÚBLICA tenta desesperadamente encontrá-lo antes para salvar a galáxia. O principal vilão é Snoke, o líder supremo da Primeira Ordem. uma figura extra-terrestre com poderes do lado negro da Força. Outro vilão é o enigmático, e com certa bipolaridade, Kylo Ren, que pretende continuar o trabalho de Darth Vader e que possui laços de sangue com o antigo lorde sith e é filho de Han Solo e Leia. MOTIVOS CERTOS PARA MATAR x MOTIVOS ERRADOS, como mostra Finn, um stormtrooper que se recusa a matar pelos motivos errados; RECICLAGEM também é coisa do futuro, como mostra Rey, uma catadora de lixo do desértico planeta de Jakku. Com General Hux se tem um paralelo evidente com Hitler e outros tantos DITADORES. APRENDIZ x MESTRE. EMBATE FAMILIAR.				
6	5	Vingadores: Guerra Infinita	2018	US 316	US 386	Ação/Aventura
		Homem de Ferro, Capitão América, Thor, Hulk e os Vingadores se unem para combater o maligno Thanos. Em uma missão para coletar todas as seis pedras infinitas, Thanos planeja usá-las para infligir sua vontade maléfica sobre a humanidade. Vilão: Thanos. A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL pode ajudar a compreender melhor as pessoas, tomar as melhores decisões ou, quando ausente, pode colocar a nós e as pessoas com quem nos relacionamos em				

		situações bem difíceis. TRABALHO EM EQUIPE E ESTRATÉGIA são fundamentais para os desafios de uma GUERRA .				
7	1	Titanic	1997	US\$ 200	US \$380	Romance/Drama
		Um artista pobre e uma jovem rica se conhecem e se apaixonam na fatídica viagem inaugural do Titanic em 1912, o "inafundável". Embora esteja noiva do arrogante herdeiro de uma siderúrgica, a jovem desafia sua família e amigos em busca do verdadeiro amor. Vilões: Cal Hockley, noivo da personagem Rose e a ARROGANCIA dos que tinham gestão sobre o transatlântico. Quantas catástrofes poderiam ter sido evitadas se o ser humano minimamente aceitasse a possibilidade de dar errado! O Titanic surgiu de um projeto ambicioso, de uma competição marítima acirrada entre os países desenvolvidos. O palácio flutuante Titanic pode ser observado como uma célula que representa todo o conjunto social de seu tempo, com elementos de toda a PIRÂMIDE SOCIAL , desde os magnatas da aristocracia britânica e americana, os "novos ricos"; a emergente classe média, constante de intelectuais, artistas e pequena burguesia que derivava da Revolução Industrial; na terceira camada, os miseráveis enlatados nos conveses inferiores, que abandonavam os seus lares EM BUSCA DE UM SONHO , a prosperidade que porventura encontrariam nos EUA.				
8	8	A Ascensão de Skywalker	2019	US\$ 275	US\$ 378	F. Científica/Ação
		Com o retorno do Imperador Palpatine, a Resistência toma a frente da batalha. Treinando para ser uma completa Jedi, Rey se encontra em conflito com passado e futuro, e teme pelas respostas que pode conseguir com Kylo Ren. LUTA SOLITÁRIA X ESPERANÇA . O personagem Poe Dameron se tornou a personificação daquele que está revoltando porque ninguém vem ajudar, mas no último momento Lando trouxe consigo o reforço que a Resistência precisava, mas não eram naves de combate, mas naves comuns, mostrando que a FORÇA DA RESISTÊNCIA está nas pessoas comuns.				
9	6	Liga da Justiça (2017)	2017	US\$ 300	US\$ 374	Ação/Aventura
		Impulsionado pela restauração de sua fé na humanidade e inspirado pelo ato altruísta do Superman, Bruce Wayne convoca sua nova aliada Diana Prince para o combate contra um inimigo ainda maior, recém-despertado. Juntos, Batman e Mulher-Maravilha buscam e recrutam com agilidade um time de meta-humanos, mas mesmo com a formação da liga de heróis sem precedentes, pode ser tarde demais para salvar o planeta de um catastrófico ataque. Vilão: a criatura milenar, Lobo da Estepe, um alienígena que serve como peão do grande vilão, Darkseid. Segundo a linha de análise psicológica criada pelo americano Robert Plutchik, a intimidação de um povo ou pessoa caminha para a sua submissão. Entre esses dois estágios existem três camadas emotivas. A mais superficial e simples é a da apreensão; a segunda e talvez mais perigosa é a do medo e a terceira é o puro terror. Em O Homem de Aço (2013) vê-se a intimidação. Batman vs. Superman (2016), trouxe o medo e aqui em Liga da Justiça (2017), que o sucede, chega-se ao TERROR.				
10	3	Homem-Aranha 3	2007	US\$ 250	US\$ 373	Ação/F. Científica
		O relacionamento entre Peter Parker e Mary Jane parece estar dando certo, mas outros problemas começam a surgir. A roupa de Homem-Aranha torna-se preta e acaba controlando Peter - apesar de aumentar seus poderes, ela revela e amplia o lado obscuro de sua personalidade. Com isso, os vilões Venom e Homem-Areia tentam destruir o herói. Vilões: Venom (uma criatura extraterrestre que se funde ao jornalista Eddie Brock Jr., transformando-o em um monstro sedento por vingança) e Homem Areia. PODER x RESPONSABILIDADE . Tomado pela culpa, Peter lembra as palavras de seu tio: "Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades", o que pode ser comparado às responsabilidades esperadas de pessoas e instituições às quais foram concedidas poder, como o Estado, políticos ou até influenciadores.				
11	4	Enrolados	2010	US\$ 260	US\$ 363	Animação

		<p>Rapunzel é uma princesa que foi raptada por uma velha bruxa ainda bebê. Os cabelos da menina possuem o dom de manter quem estiver por perto sempre jovem – e tudo que a vilã quer é se manter linda. Assim, a garota cresce acreditando ser aquela estranha mulher sua verdadeira mãe, e o alto da torre onde se encontra presa – sob o pretexto de que “o mundo lá fora é muito perigoso” – é tudo o que ela conhece. Isso até o bandido mais procurado do reino, Flynn Rider, um malandro bonito cair, literalmente, no colo dela e virar sua vida de cabeça pra baixo. A adolescente determinada faz um acordo com o rapaz, e, juntos, partem para uma aventura emocionante.</p> <p>Vilã: Gothel, a mãe má que mantém Rapunzel em cativeiro por anos com o objetivo de manter sua JUVENTUDE ETERNAMENTE. ADOLESCÊNCIA é um momento especial na constituição da identidade. Rapunzel é ainda excessivamente protegida por sua suposta mãe, Gothel. Ela a mantém em uma torre alta, isolada do mundo. Conforme Faimberg (1996), a história de todo indivíduo é anterior ao seu nascimento, pois cada um de nós nasce em meio a ideais e PROJEÇÕES PARENTAIS e ocupa, como filho, um lugar na vida fantasmática dos pais. No caso de Rapunzel, ela carrega consigo a projeção de uma ideia de cura e salvação, com a missão de salvar a mãe da morte, representada de forma separada no filme entre a mãe boa (Rainha) e a mãe má (Gothel). ADOLESCÊNCIA X PROJEÇÕES PARENTAIS.</p>
12	4	<p>Harry Potter e o Enigma do Príncipe</p> <p>2009 US\$ 250 US\$ 359 F.Cient/Aventura</p> <p>No sexto ano de Harry em Hogwarts, Lord Voldemort e seus Comensais da Morte estão criando o terror nos mundos bruxo e trouxa. Dumbledore convence seu velho amigo Horácio Slughorn para retornar a Hogwarts como professor de poções após Harry encontrar um estranho livro escolar. Draco Malfoy se esforça para realizar uma ação destinada por Voldemort, enquanto Dumbledore e Harry secretamente trabalham juntos a fim de descobrir o método para destruir o Lorde das Trevas uma vez por todas.</p> <p>Vilão: Lorde Voldemort, que é uma ameaça real, tanto para o mundo dos bruxos quanto para o dos trouxas. Dumbledore é morto por Snape na frente de Harry.</p>
13	1	<p>Waterworld - O Segredo das Águas</p> <p>1995 US\$ 175 US\$ 352 Ação/F. Científica</p> <p>Luta pela sobrevivência em um mundo onde superfícies secas desapareceram com o super-aquecimento do planeta. Um homem que se transformou em anfíbio tenta proteger sobreviventes em um atol artificial enquanto combate piratas. Ele também quer descobrir se ainda há terra que não foi coberta pela água.</p> <p>Vilão: Chefe dos Smokers, cujo base foi uma transformação do navio Exxon Valdez — petroleiro que colidiu na costa do Alasca em 1989 e derramou 10,8 milhões de galões de óleo no oceano. A FALTA DE DIVERSIDADE é assustadora, já que o elenco é quase inteiramente branco e masculino. As personagens principais femininas são tratadas como COMODITIES que devem ser protegidas. A MUDANÇA AMBIENTAL também causou um imenso retrocesso nas áreas do conhecimento tecnológico, de forma que os seres humanos não sabem de onde vieram e acreditam que o mundo sempre foi assim. É também um filme sobre a jornada à TERRA PROMETIDA, como é mostrado no nome que o mutante recebeu: Ichthys Sapiens, um acrônimo, da expressão “Iêsous Christos Theou Yios Sôtêr”, que significa “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”, utilizado pelos cristãos primitivos. Kevin Costner foi tão impactado por Waterworld: O Mistério das Águas, que em 1995 adquiriu uma empresa do governo dos Estados Unidos, especializada em separar óleo da água, chamada Ocean Therapy Solutions, por US\$ 24 milhões.</p>
14	7	<p>Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 1</p> <p>2010 US\$ 250 US\$ 349 Fantasia</p> <p>Sem a orientação e proteção de seus professores, Harry, Rony e Hermione iniciam uma missão para destruir as horcruxes, que são as fontes da imortalidade de Voldemort. Embora devam confiar um no outro mais do que nunca, forças das trevas ameaçam separá-los. Os Comensais da Morte de Voldemort tomaram o controle do Ministério da Magia e de Hogwarts, e eles estão procurando por Harry enquanto ele e seus amigos se preparam para o confronto final.</p> <p>Vilão: Lord Voldemort, cujo maior desejo é destruir bruxos que não nasceram assim. Ou seja, pessoas que não tem uma LINHAGEM DIRETA de bruxos. Mas, ele é filho de pessoas comuns, e mesmo assim, tem um PRECONCEITO imensurável! A INFLUÊNCIA DA CRIAÇÃO DOS PAIS é mostrada com o personagem Malfoy,</p>

		que não teve escolha. Afinal, apesar de ter feito várias coisas ruins, ele já foi criado com esse estigma. ALIADOS X EQUILIBRIO DE PODER: Harry e Lord Voldemort possuem varinhas gêmeas, logo, mesmo que eles se enfrentem, nunca poderiam dar fim a vida do outro; o que vai desequilibrar a favor de Harry são seus aliados (uma referência da força dos EUA com a OTAN?), principalmente a mais forte de todas, Hermione,(EMPODERAMENTO FEMININO) que independentemente da situação sempre consegue achar uma solução e ser brilhante.
15	3	Piratas do Caribe: O Baú da Morte 2006 US\$ 225 US\$ 345 Aventura/Fantasia
		Will e Elizabeth estão prestes a se casar quando o pirata Davy Jones, comandante de um invencível navio assombrado, aparece para cobrar uma dívida do capitão Jack Sparrow, amigo do casal. Agora, a única chance de Sparrow se livrar de uma maldição de Jones é encontrando o baú da morte. Vilão: pirata Davy Jones, o capitão do Holandês Voador. MANIPULAÇÃO como forma de MAXIMIZAR INTERESSES é bem representada na facilidade com que Jack Sparrow manipula seus “amigos” Will e Elizabeth para conseguir o que quer, saindo da linha do protagonista que beira entre o herói e anti-herói da trama.
16	10	Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2 2011 US\$ 250 US\$ 344 Fantasia
		A batalha entre as forças do bem e do mal da magia alcançam o mundo dos trouxas. O risco nunca foi tão grande, e ninguém está seguro. Harry Potter precisa fazer um sacrifício final conforme o confronto com Lord Voldemort se aproxima. Vilão: Lord Voldemort.
17	7	Avatar 2009 US\$ 237 US\$ 339 F. Científica/Ação
		No exuberante mundo alienígena de Pandora, em 2151, vivem os Na'vi, seres que parecem ser primitivos, mas são altamente evoluídos. Como o ambiente do planeta é tóxico, foram criados os avatares, corpos biológicos controlados pela mente humana que se movimentam livremente em Pandora. Jake Sully, um ex-fuzileiro naval paralisado, volta a andar através de um avatar e se apaixona por uma Na'vi. Esta paixão leva Jake a lutar pela sobrevivência de Pandora. Vilão: Coronel Miles Quaritch. MEIO AMBIENTE: para ter acesso a um supercondutor de ENERGIA valioso os humanos estão dispostos a destruir toda a fauna e flora local. DEFICIÊNCIA: Jake Sully tem limitação na coluna. CULTURA, após entender a língua, aprender sobre os costumes, conhecer a natureza, Jake passa a defender os alienígenas humanoides. CAPITALISMO SELVAGEM: Um mundo sendo invadido/dominado pelos seres humanos na busca de um material muito valioso que os “acionistas” queriam. Os na'vi encarnam um dos grandes ideais atuais: a CONEXÃO SUPERIOR COM A NATUREZA. O filme destaca a importância de preservar as florestas e a DIVERSIDADE biológica, alertando sobre os perigos da destruição de habitats. Avatar nos lembra da importância de valorizar e respeitar as CULTURAS INDIGENAS, que muitas vezes possuem conhecimentos tradicionais sobre a preservação ambiental.
18	16	Solo: a star wars story 2018 US\$ 275 US\$ 336 F.Cient/Aventura
		Em dificuldade financeira, o piloto Han Solo e sua namorada Qi'ra buscam trabalho. Eles colocam as mãos em uma substância valiosa, mas perigosa, e que acaba levando à perseguição do Império e à separação entre os dois. Preocupado, Han usa toda a sua esperteza para se infiltrar em um plano arriscado, mas que pode render a oportunidade de voltar à terra natal e reencontrar a sua amada. No caminho, o piloto encontra parceiros importantes, como Chewbacca e Lando Calrissian. Vilão: Enfys Nest, capitão de uma espécie de piratas espaciais. EMPODERAMENTO FEMININO em um típico “filme de assalto” que subverte completamente o caráter “donzela em defesa”, colocando-a para agir por contra própria, sem esperar o retorno de Han Solo.
19	12	John Carter - Entre dois mundos 2012 US\$ 250 US\$ 334 F. Científica/Ação

		<p>Quando o veterano da Guerra Civil John Carter acorda misteriosamente na superfície de Marte, ele não tem ideia da aventura que o aguarda. Ele acaba se envolvendo em um conflito épico entre os habitantes do planeta e o destino de todos está em suas mãos.</p> <p>Vilão: Sab Than, líder de Zodanga, em Marte. Perdido em um mundo, encontrado em outro. MUDANÇA CLIMÁTICA: Marte é um planeta em guerra e representado como um planeta moribundo, com oceanos convertidos em desertos mas, que alguma vez na sua história, foi rico e abundante. A cultura de Zodanga é apresentada como o agente invasor, envoltos em uma cor vermelha e vestimentas de um claro ar imperialista (SERÁ UMA MERA COINCIDÊNCIA COM A CHINA?). Sua contrapartida, Helium, é uma civilização de um claro sentido pacifista, brilhante e cheio de sofisticação. Destaca-se suas DUAS TORRES; arranha-céus de vidro com formas suaves que reflete o interesse pela ciência e pelo progresso e o azul das suas cores (OUTRA MERA COINCIDÊNCIA COM OS EUA?). Por último, os Thark, raça que antigamente foi a dominante dentro do planeta, são retratados como uma sociedade tribal e carniceira. Com claras influências da CULTURA ÁRABE, vivem dentro do deserto, refugiando-se sobre as ruínas da sua civilização, em construção de formas muito geométricas.</p>
20	13	<p>Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge</p> <p>2012 US\$ 250 US\$ 334 Ação/Thriller</p>
		<p>Após ser culpado pela morte de Harvey Dent e passar de herói a vilão, Batman desaparece. As coisas mudam com a chegada de uma ladra misteriosa, a Mulher-Gato, e Bane, um terrorista mascarado, que fazem Batman abandonar seu exílio forçado.</p> <p>Vilão: Bane. Batman não tem superpoderes. TECNOLOGIA DE ARMAS: Em sua luta contra o crime, ele utiliza uma enorme coleção de equipamentos avançados, veículos extraordinários, seu cérebro privilegiado e técnicas de combate corpo-a-corpo.</p>
21	14	<p>O Hobbit: A Desolação de Smaug</p> <p>2012 US\$ 250 US\$ 328 Fantasia/Aventura</p>
		<p>Ao lado de um grupo de anões e de Gandalf, Bilbo segue em direção à Montanha Solitária, onde deverá ajudar seus companheiros a retomar a Pedra de Arken. O problema é que o artefato está perdido em meio a um tesouro protegido pelo temido dragão Smaug.</p> <p>Vilão: Dragão Smaug. O tema em questão é a GANÂNCIA. Basicamente, todos os personagens de O Hobbit enfrentam o desejo pela obtenção de algo e precisam lidar com esse sentimento.</p>
22	3	<p>Homem-Aranha 2</p> <p>2004 US\$ 200 US\$ 327 Ação/Aventura</p>
		<p>O Dr. Otto Octavius é transformado em Doutor Octopus quando uma falha em uma experiência de fusão nuclear resulta em uma explosão que mata sua esposa. Ele culpa o Homem-Aranha pelo acidente e deseja vingança. Enquanto isso, o alter ego do herói, Peter Parker, perde seus poderes. Para complicar as coisas, o seu melhor amigo odeia o Homem-Aranha e sua amada fica noiva.</p> <p>Vilão: Doutor Octopus. Questões: PODER E RESPONSABILIDADE. O fato de ser um personagem que vive uma fase de transição, descobrindo capacidades corpóreas novas, gera constantes metáforas em relação à PUBERDADE MASCULINA: como maior exemplo: o fato das teias agora serem fabricadas pelo próprio corpo de Peter, ao invés de cientificamente como nos quadrinhos, uma perfeita alusão à produção masculina de sêmen.</p>
23	4	<p>King Kong</p> <p>2005 US\$ 207 US\$ 327 Aventura/Fantasia</p>
		<p>O diretor Carl Denham e sua equipe embarcam em uma viagem de Nova York até uma ilha misteriosa para as filmagens de um novo longa. Na expedição, estão o dramaturgo Jack Driscoll e a atriz Ann Darrow, que é raptada por um gorila gigantesco depois que a equipe desembarca no local. Enquanto procuram por Ann, o grupo se depara com dinossauros e outras criaturas pré-históricas incríveis, assustadoras e perigosas.</p> <p>Vilão: diretor Carl Denham, que teve o patrocínio cancelado para seu filme inacabado. De certo modo, o filme King Kong é a expressão alegórica da inversão produzida pelas RELAÇÕES SOCIAIS CAPITALISTAS onde o que é humano se expressa nos animais e o que é "animalesco" torna-se próprio do homem. Em plena DEPRESSÃO DA DÉCADA DE 1930, uma era na história americana em que a esperança vinha na</p>

		forma do entretenimento das massas, para desviar a atenção das mazelas, King Kong morre no topo do prédio-símbolo da civilização do capital, o Empire State, atingido por rajadas de metralhadoras de aviões de caça: King Kong e demais dinossauros da ilha são consequência de um ATAQUE DO CAPITAL AO MEIO AMBIENTE, via testes nucleares; mas a natureza contra-ataca o Capital justamente com os frutos da agressão recebida; o Capital, mais uma vez justificando o uso de ARMAS, consegue conter, ao menos pelo momento, a reação da natureza.				
24	16	O Hobbit: Uma Jornada Inesperada	2012	US\$ 245	US\$ 327	Aventura/Fantasia
		Como a maioria dos hobbits, Bilbo Bolseiro leva uma vida tranquila até o dia em que recebe uma missão do mago Gandalf. Acompanhado por um grupo de anões, ele parte numa jornada até a Montanha Solitária para libertar o Reino de Erebor do dragão Smaug. Vilão: Azog, o Profano. ORGULHO E AVAREZA X HUMILDADE das menores criaturas desse mundo imaginário (os hobbits). VISÃO DE MUNDO profundamente CRISTÃ, reflete a fé católica de Tolkien. Grande GUERRA entre anões e orcs.				
25	21	Star Wars: Os Últimos Jedi (2017)	2017	US\$ 262	US\$ 327	F. Científica/Ação
		A tranquila e solitária vida de Luke Skywalker sofre uma reviravolta quando ele conhece Rey, uma jovem que mostra fortes sinais da Força. O desejo dela de aprender o estilo dos Jedi força Luke a tomar uma decisão que mudará sua vida para sempre. Enquanto isso, Kylo Ren e o General Hux lideram a Primeira Ordem para um ataque total contra Leia e a Resistência pela supremacia da galáxia. Vilão: Kylo Ren, um vilão cheio de complexidades. O centro da trama é uma DISPUTA POLITICA entre um império tirano e ditatorial e um grupo libertário. A história se equilibra numa zona cinza, mostrando que a GUERRA, os poderes, a própria Força, tudo isso vai além do bem e do mal. É uma questão de equilíbrio, de mesurar ambos os lados. Existe luz na escuridão, e sombras em meio a luz. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: o desenvolvimento científico é retratado como motor das inovações que permite, entre outros, a viagem intergaláctica. Porém, também é mostrado o “lado sombrio” da tecnologia - a possibilidade de criação de SUPER ARMAS. RELIGIÃO: Não há dúvidas de que George Lucas cria a Força como uma alegoria a diversas religiões ocidentais e orientais, com referências bíblicas. Teóricos apontam semelhanças entre o personagem Luke Skywalker e Moisés. Em 2001, o ‘Jediísmo’ era a quarta maior religião no Reino Unido (Fonte: ONS-UK). USO DA VIOLÊNCIA: Como filmes de ação e aventura, a saga apresenta considerável teor de violência, mas os Jedi transmitem a mensagem do PACIFISMO. TRANSTORNOS MENTAIS. Em um artigo de 2015, psicólogos argumentam que Star Wars é um exemplo de temas psiquiátricos: C3PO tem TOC; Yoda tem dislexia superficial; Luke Skywalker, esquizofrenia prodrômica e Jar Jar Binks é um exemplo facilmente identificável de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. TIRANIA E QUEDA DA DEMOCRACIA: a segunda trilogia de Star Wars mostra como DEMOCRACIAS PODEM VIRAR DITADORAS. Sheev Palpatine, que é chanceler da República, conspira para atacar a imagem dos Jedi, provocar o medo e tomar o controle como imperador. MOVIMENTOS ATIVISTAS: Após a ascensão do Império Galáctico, Jedi e forças opositoras se unem para formar a Aliança Rebelde, em prol da liberdade e da volta da DEMOCRACIA. O sentimento de revolta popular dos heróis se assemelha ao de movimentos contemporâneos de ativismo por direitos fundamentais ao redor do planeta. DISCURSO DE ÓDIO: Declarando os Jedi como traidores, Palpatine solicitou a execução da Ordem 66 - autorização para um GENOCÍDIO em massa dos Jedi pelos stormtroopers. Milhares foram mortos ao redor da galáxia pela ORDEM FACISTA. O nome dos soldados espaciais não era coincidência: a ala paramilitar original do Partido Nazista era chamada de Sturmabteilung (Storm Division).				
26	8	As Crônicas de Nárnia: Príncipe Caspian	2008	US\$ 225	US\$ 323	Fantasia/Aventura
		Um ano após a sua última aventura, os irmãos Pevensie regressam à terra mágica de Nárnia e descobrem que 1300 anos se passaram. Nárnia está em guerra novamente e os irmãos unem forças com o Príncipe Caspian para derrotar o maldoso Rei Miraz e restaurar a paz. Vilão: Miraz, que, para ser coroado rei, coloca em ação um GOLPE DE ESTADO, mandando matar o herdeiro legítimo ao trono, o príncipe Caspian do título. VALORES BÍBLICOS, já que C.S Lewis era cristão e				

		<p>tinha formação teológica, entre outros títulos acadêmicos, embora em boa parte da vida tenha sido um ateu. Lewis se converteu através do seu amigo J.R.R. Tolkien, o famoso escritor de Senhor dos Anéis e de O Hobbit — que também viraram filmes. O leão, Aslam, é uma clara referência a Jesus. Ele foi o criador de Nárnia e é o único personagem que aparece em todos os livros.</p>
27	19	<p>O Hobbit: A Batalha dos Cinco Exércitos 2014 US\$ 250 US\$ 323 Fantasia/Aventura</p> <p>O dragão Smaug lança sua fúria ardente contra a Cidade do Lago que fica próxima da montanha de Erebor. Bard consegue derrotá-lo, mas, rapidamente, sem a ameaça do dragão, inicia-se uma batalha pelo controle de Erebor e sua riqueza. Os anões, liderados por Thorin, adentram a montanha e estão dispostos a impedir a entrada de elfos, anões e orcs. Bilbo Bolseiro e Gandalf tentam impedir a guerra. Vilão: Sauron, o Senhor das Trevas. GUERRA</p>
28	6	<p>X-Men: O Confronto Final 2006 US\$ 210 US\$ 322 Ação/Aventura</p> <p>A descoberta de uma cura para as mutações leva os mutantes a um ponto decisivo. Eles podem escolher entre abandonar seus poderes e se tornarem humanos ou continuar com os poderes e permanecerem excluídos. Uma batalha é travada entre os simpatizantes de Charles Xavier, que prega a tolerância, e os seguidores de Magneto, que defende a sobrevivência dos mais fortes.</p> <p>Vilão: Magneto, que acredita a descoberta da cura dos mutantes (supressão do "gene X") se tornará uma arma contra os mutantes (uma referência aos ANTIVACINAS?, À CURA GAY? (Bryan Singer na direção, revelara que o fato de ser homossexual foi um dos principais fatores por fazê-lo se interessar pelo projeto). MINORIAS: estabelecimento da raça mutante como uma realidade social. Não mais um pequeno grupo de párias isolados, estigmatizados, agora eles formam uma comunidade, enfrentando o preconceito e a dificuldade da sociedade em aceitar aquilo que é diferente. PACIFISMO X ATIVISMO RADICAL: Muitos estabelecem paralelos entre a ideologia do líder mutante Charles Xavier e a retórica do pastor Martin Luther King, assim como entre o posicionamento mais antagônico do mutante Magneto e do líder negro Malcolm X. Na primeira conversa entre Charles Xavier e Magneto, ao abordar o relacionamento entre humanos e portadores do gene X, o professor diz “Eu tenho esperança”, enquanto Magneto destaca que “nós somos o futuro”. Xavier é Martin Luther King, em sua postura, seu discurso, em seus sonhos de uma vivência pacífica entre humanos e mutantes, inclusive, tendo falas muito semelhantes ao de King em várias histórias. Magneto é Malcon X, mais radical em sua forma de lidar com a segregação, defendendo que esse separatismo seria benéfico e que a VIOLÊNCIA ERA UM RECURSO ACEITÁVEL para a autoproteção.</p>
29	23	<p>Capitão América: Guerra Civil 2016 US\$ 250 US\$ 316 Ação/Aventura</p> <p>Depois do ataque de Ultron, os políticos decidem controlar os Vingadores, já que suas ações afetam toda a humanidade. A decisão coloca o Capitão América em rota de colisão com o Homem de Ferro.</p> <p>Vilão: Barão Zemo, vilão NAZISTA, responsável por um plano macabro e genial para rachar a equipe dos Vingadores em relação se deviam RESPEITAR UMA HIERAQUIA proposta pelo Estado ou não.</p> <p>Curiosamente o grupo liderado pelo Homem de Ferro e a favor de se cooperar com o Estado leva vantagem no conflito. Seria uma clara mensagem do Estado americano e suas FORÇAS ARMADAS em relação a questão SEGURANÇA X LIBERDADE? Parece sim que o filme é usado como uma justificativa para atitudes de órgãos governamentais, como a NSA, que vigia e acessa informações pessoais de cidadãos que não cometeram nenhum crime, com a desculpa de que isso seria para a segurança de todos, mas ameaçando a privacidade e a liberdade das pessoas.</p>
30	24	<p>Batman vs Superman: A Origem da Justiça 2016 US\$ 250 US\$ 316 Ação/Aventura</p> <p>O confronto entre Superman e Zod em Metrópolis fez a população mundial se dividir sobre a presença de extraterrestres na Terra. Enquanto muitos consideram Superman um novo deus, há aqueles que entendem ser extremamente perigosa a existência de um ser tão poderoso sem qualquer tipo de controle. Bruce Wayne é um dos que acreditam nesta segunda hipótese. Sob o manto de um Batman violento e obcecado, ele enfrenta Superman enquanto o mundo se pergunta que tipo de herói precisa.</p>

		<p>Vilão: Clark tem um vilão que é uma versão maligna de si mesmo, desenvolvido por Lex Luthor e um cientista chamado Doctor Teng. Clark Kent acredita na Humanidade X Bruce Wayne que a encara como caso perdido. XENOFOBIA. CULTURA DO MEDO. Tomada de decisões em que OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS. A MULHER COMO FIGURA INFERIOR: A "mocinha", Lous Lane, ainda vista como a "donzela em perigo". O diretor exagera na ICONOGRAFIA RELIGIOSA ao retratar Superman, que constantemente é visto quase como um anjo em contraluz e com a capa no lugar das asas.</p>				
31	10	007 – Quantum of Solace	2008	US\$ 220	US\$ 315	Ação/Aventura
		<p>Após a morte de Vesper Lynd, James Bond faz com que sua próxima missão seja pessoal. A caçada àqueles envolvidos na morte da mulher de sua vida o leva ao encontro do cruel empresário Dominic Greene, que faz parte da organização que coagiu Vesper. Bond descobre que Greene planeja obter o controle total de um recurso natural vital e deve enfrentar perigo e traição para frustrar o plano. Vilão: Dominic Greene, falso AMBIENTALISTA e eco-especulador da Quatum. Greene tem planos para a Bolívia, incluindo a deposição do atual governo com um GOLPE MILITAR e o controle das reservas de ÁGUA do país, o que faz com que Bond entre em seu caminho. Conflitos políticos por ÁGUA já acontecem nos dias de hoje, como é o caso de alguns países na Ásia Central.</p>				
32	3	As Loucas Aventuras de James West	1999	US\$ 170	US\$ 312	Western/ação
		<p>Quando o presidente Ulysses S. Grant fica sabendo que o diabólico inventor Arliss Loveless planeja assassiná-lo e conquistar os Estados Unidos com suas máquinas modernas, ele encarrega James West, o herói da Guerra Civil americana, e o militar Artemus Gordon de capturá-lo. A personalidade dos dois nem sempre combina, mas a dupla consegue trabalhar junto. Com a ajuda de uma mulher misteriosa, West e Gordon chegam a Loveless. Vilão: Arliss Loveless, facista que não pernas. Insulto às MINORIAS. O filme emprega um caráter SEXISTA no humor, fazendo piadas de peitos, bundas e sexo, tratando mulheres como pedaços de carnes descerebrados. RACISTA, o longa fica a todo tempo fazendo piadinha com a escravidão e o racismo do período. Até mesmo há piada com deficientes, já que o vilão é toda hora humilhado por não ter suas pernas. Piadas HOMOFÓBICAS E XENOFÓBICAS. Humor bobo de objetos fálicos e masculinidade frágil. (Will Smith recusou o papel do hacker protagonista de Matrix para fazer esse papelão!) As menções à TECNOLOGIA são constantes, tematizando uma sociedade que tenta se adequar aos avanços e aos preços do progresso tecnológico. West, o protagonista, é, com resistência inicial, o tempo todo orientado para viver em uma sociedade tecnológica.</p>				
33	4	O Exterminador do Futuro 3 - A Rebelião das Máquinas	2003	US\$ 187	US\$ 312	Ação/F. Científica
		<p>Aos 25 anos, Connor vive agora sem nenhum registro de sua existência para não ser rastreado. Das sombras do futuro sai T-X, o ciborgue assassino mais sofisticado da Skynet. A única esperança de sobrevivência para Connor é o Exterminador, seu antigo e misterioso assassino. Juntos, eles devem derrotar o tecnologicamente superior T-X e evitar o Dia do Julgamento Final. Vilã: a Skynet, que envia uma exterminadora robótica, a T-X, de volta no tempo para garantir o surgimento das máquinas, matando membros do alto escalão da futura Resistência humana. A primeira batalha entre os humanos e a INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. A Skynet foi desenvolvida para fins militares para analisar ameaças e chegou à conclusão, bem plausível, que a maior ameaça ao mundo são os humanos! "Hasta la vista, baby" e "Ill be back".</p>				
34	7	Superman – O Retorno	2006	US\$ 204	US\$ 312	Aventura/Ação
		<p>O Superman volta à Terra depois de cinco anos no planeta Krypton, precisando reconquistar o amor de Lois Lane e descobre que o novo plano de Lex Luthor pode ameaçar a vida de bilhões de pessoas. Vilão: Lex Luthor, que arquiteta um plano para destruir o herói e sacudir a Ordem Mundial. Os</p>				

		Kryptonianos vivem sob uma política na qual seus habitantes nascem após passarem por uma ENGENHARIA GENÉTICA que definem qual caminho tomarão na fase adulta: se dedicar à área científica, trabalhadores ou até soldados.				
35	27	007 – Contra Spectre	2015	US\$ 245	US\$ 312	Ação/Aventura
		James Bond chega à Cidade do México e está pronto para eliminar Marco Sciarra sem que o chef M saiba da missão. O caso leva à suspensão temporária do agente, que passa a ser constantemente vigiado pelo governo britânico graças a uma tecnologia implantada em seu corpo por Q. Na tentativa de despistar os inimigos e até mesmo alguns de seus parceiros de trabalho, ele se responsabiliza por ajudar a filha de um desafeto. Toda a situação o leva ao centro de uma temida organização denominada Spectre. Vilão: Ernst Stavro Blofeld, polonês do antigo Império Alemão. Os primeiros dezesseis filmes, lançados entre 1962 e 1989, foram consideravelmente influenciados pelos conflitos da Guerra Fria. O primeiro filme da franquia, 007 contra o Satânico Dr. No (1962), faz clara referência à crise dos mísseis em Cuba. Esse filme entrou para o Guinness Book of Records pela maior explosão já ocorrida no cinema.				
36	32	Velozes e Furiosos 8	2017	US\$ 250	US\$ 312	Ação/Aventura
		Depois da aposentadoria de Brian e Mia, Dom e Letty aproveitam a lua de mel e levam uma vida pacata e normal. Mas a adrenalina do passado volta com tudo quando uma mulher misteriosa obriga Dom a retornar ao mundo do crime e da velocidade. Vilões: há uma inversão de valores e Dominic Toretto torna-se o vilão, devido a uma chantagem de Cipher, uma CIBERTERRORISTA. A estimativa com o oitavo filme da franquia, é que esteja perto de 1.800 veículos desmantelados. Velozes hoje é muito mais um cartum lúdico em que o herói se veste de branco e se cerca de crianças cubanas quando é mocinho e depois se cobre todo de preto quando vira o vilão.				
37	37	O Rei Leão	2019	US\$ 260	US\$ 312	Animação/inf.
		Traído e exilado de seu reino, o leãozinho Simba precisa descobrir como crescer e retomar seu destino como herdeiro real nas planícies da savana africana. Vilão: Scar, tio do príncipe Simba. Muitas semelhanças aproximam O Rei Leão e um clássico da literatura ocidental: Hamlet, de William Shakespeare, como foi posteriormente reconhecido pela Disney. Nesse sentido, o protagonista parece representar o próprio espírito da JUVENTUDE e as dificuldades que encontramos durante essa época. Você tem que ocupar o seu lugar no ciclo da vida. Curiosidade: akuna Matata é uma frase do idioma suaíle, uma língua falada na África oriental, que significa "sem problemas" ou "não se preocupe". A frase é muito comum em países como a Tanzânia e o Quênia.				
38	1	Cleópatra	1963	US\$ 63	US\$ 309	Romance/Guerra
		Temendo a expansão dos romanos, Cleópatra convence Júlio César a formar uma aliança, para que ela continue controlando o império e faz com que ele desista de invadir o Egito, porém, o imperador é assassinado no senado romano. Cleópatra se volta então para o general Marco Antônio com a intenção de proteger seus poderes. Cleópatra o seduz, mas ele torna-se frágil e submisso. Otaviano, sobrinho de Júlio César, quer o poder de Roma e irá travar uma grande batalha contra Marco Antônio e Cleópatra. Vilão: Otaviano, sobrinho de Júlio César. Segundo Auguste Bailly: fazer-se amar pelo homem que detinha o poder soberano em Roma, era para ela uma necessidade política a que se conformou com uma resolução magnífica, mas não foi essa Cleópatra política, que amava a sua pátria e lutava pela conservação de seu trono, que a posteridade, a imaginação coletiva e o cinema captaram. Sendo um personagem feminino sob o olhar masculino que os escreveu, foi, sobretudo, a versão da vamp ninfomaníaca que se introduziu como particular entrave na história romana que foi captada. E seria essa faceta resultante de uma parcial e concertada calúnia ANTIORIENTAL dos autores e dos textos romanos a sobreviver ao longo dos séculos como tentativa de legitimar politicamente as investidas imperialistas. É reforçada, então, a ideia de dualidade entre Oriente e Ocidente, que tem raízes na Antiguidade, mas foi também consolidada na modernidade. A personagem da literatura romana tão injuriada pela sua alegada promiscuidade e agressivo comportamento sexual teria continuidade nas telas, através dos sensuais				

		corpos e das maviosas vozes de inúmeras atrizes desde o cinema mudo (Madeleine Roche, em Cléopatre, de 1910), assim como no filme em questão.				
39	17	O Espetacular Homem-Aranha	2012	US\$ 230	US\$ 308	Ação/Aventura
		<p>O jovem Peter Parker quer saber mais sobre sua origem. Ele encontra uma pasta que pertenceu ao seu pai e tenta descobrir por que seus pais desapareceram. A sua busca o leva a Oscorp e ao dr. Curt Connors, que tem como alter ego o letal Lagarto.</p> <p>Vilão ou um homem quebrado tentando consertar um erro?: Dr. Curt Connors, o Lagarto, geneticista que perdeu um braço (Peter perdeu os pais). O Homem-Aranha conclui que é hora (sempre é) de ir à luta por si mesmo. E ele não paralisa. Não à toa foi escolhido o nome “Homem-Aranha” e não algo como “Menino-Aranha”. VIOLÊNCIA URBANA. PODER E RESPONSABILIDADE: tomado pela culpa, Peter lembra as palavras de seu tio: “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”. O que também nos faz lembrar das responsabilidades esperadas de pessoas e instituições às quais foram concedidas poder, como o Estado, políticos ou até influenciadores. SEGURANÇA DO TRABALHO: vê-se um padrão por trás da origem dos vilões do Homem Aranha, onde são fruto de acidentes de trabalho na multinacional química Oscorp. Max é um empregado da Oscorp que sofre um acidente ao cair em um tanque de enguias magnéticas; já Dr. Curt Connors e Harry Osborn injetam soros experimentais em si mesmos. ARMAMENTO: na mais recente trilogia, o vilão Abutre, obtém tecnologia extraterrestre na Batalha de Nova York de 2012 e decide usá-la para criar e vender armas avançadas; seu negócio cresce exponencialmente e levanta a questão do TRÁFICO ILEGAL DE ARMAS.</p>				
40	7	Troia	2004	US\$ 185	US\$ 302	Guerra/Aventura
		<p>Durante uma visita ao rei de Esparta, Menelau, o príncipe troiano Paris se apaixona pela esposa do rei, Helena, e a leva de volta para Troia. O irmão de Menelau, o rei Agamenon, que já havia derrotado todos os exércitos na Grécia, encontra o pretexto que faltava para declarar guerra contra Troia, o único reino que o impede de controlar o Mar Egeu.</p> <p>Vilão: Agamenon. CONFLITO entre gregos e troianos, desencadeado pela paixão proibida entre o príncipe troiano Páris e a rainha espartana Helena. HONRA E GUERRA, com o filme também trazendo questionamentos sobre a VALIDADE DO USO DA VIOLÊNCIA COMO MEIO DE RESOLVER CONFLITOS, mostrando que nem sempre as batalhas trazem a vitória esperada. PATRIOTISMO, bem exemplificados por Heitor e Aquiles. Heitor porque defendeu seu país, pois lutou até ser morto pelo seu adversário. Aquiles mesmo odiando seu Rei Menelau, mas ainda assim, defende sua pátria, Grécia.</p>				
41		O Cavaleiro Solitário	2013	US\$ 225	US\$ 295	Western/ação
42		O Homem de Aço	2013	US\$ 225	US\$ 295	Ação/Aventura
43		Os Vingadores	2012	US\$ 220	US\$ 294	Aventura/Ação
44		007 - Sem Tempo Para Morrer	2021	US\$ 250	US\$ 289	Ação/Thriller
45		MIB: Homens de Preto 3	2012	US\$ 215	US\$ 287	F. Cient./Ação
46		Piratas do Caribe: A Vingança de Salazar	2017	US\$ 230	US\$ 287	Aventura/Ação
47		2012	2009	US\$ 200	US\$ 286	Ação/F. Cient.
48		Exterminador do futuro: a salvação	2009	US\$ 200	US\$ 286	Ação/F. Cient.
49		Transformers: A Vingança dos Derrotados	2009	US\$ 200	US\$ 286	Ação/F. Científica
50		Os Fantasmas de Scrooge	2009	US\$ 200	US\$ 286	Infantil/Fantasia
51		As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o	2005	US\$ 180	US\$ 285	Fantasia/Aventura
52		Rogue One: Uma História Star Wars	2016	US\$ 220	US\$ 280	F.Cient./Ação
53		Homem de Ferro 2	2010	US\$ 200	US\$ 279	Ação/Aventura

54		Toy Story 3	2010	US\$ 200	US\$ 279	infantil/Comédia
55		Carros 2	2011	US\$ 200	US\$ 274	Comédia/Infantil
56		Lanterna Verde	2011	US\$ 200	US\$ 274	Ação/F.Científica
57		Transformers: A Era da Extinção	2014	US\$ 210	US\$ 272	Ação/F.Científica
58		Transformer- O ultimo Cavaleiro	2017	US\$ 217	US\$ 272	Ação/F.Científica
59		A Bússola de Ouro	2007	US\$ 180	US\$ 269	F.Cient./Aventura
60		Transformers: O Lado Oculto da Lua	2011	US\$ 195	US\$ 268	Ação/F.Científica
61		Superman	1978	US\$ 55	US\$ 267	Ação/F.Científica
62		007 - Operação Skyfall	2012	US\$ 200	US\$ 267	Ação/Aventura
63		Battleship: A Batalha Dos Mares	2012	US\$ 200	US\$ 267	Ação/F.Científica
64		Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal	2008	US\$ 185	US\$ 266	Aventura/Ação
65		Homem de Ferro 3	2013	US\$ 200	US\$ 263	Ação/Aventura
66		Universidade Monstros	2013	US\$ 200	US\$ 263	infantil/Comédia
67		Oz: Mágico e Poderoso	2013	US\$ 200	US\$ 263	Fantasia/Infantil
68		Armagedom	1998	US\$ 140	US\$ 262	F. Científica/Ação
69		Van Helsing - O Caçador de Monstros	2004	US\$ 160	US\$ 262	Terror/Fantasia
70		X-Men 3: O Confronto Final	2006	US\$ 170	US\$ 261	Ação/Aventura
71		A Volta do Todo Poderoso	2007	US\$ 174	US\$ 261	Comédia/Infantil
72		Wall-E	2008	US\$ 180	US\$ 258	infantil/Comédia
73		Batman: O Cavaleiro das Trevas	2008	US\$ 180	US\$ 258	Ação/Aventura
74		X-Men: Dias de um Futuro Esquecido	2014	US\$ 200	US\$ 258	Ação/Aventura
75		O Espetacular Homem-Aranha 2	2014	US\$ 200	US\$ 258	Ação/F. Científica
76		Up - Altas Aventuras	2009	US\$ 175	US\$ 251	Infantil/Aventura
77		O Bom dinossauro	2015	US\$ 195	US\$ 251	Infantil/Aventura
78		Matrix Revolutions	2003	US\$ 150	US\$ 249	F.Científica/Ação
79		Matrix Reloaded	2003	US\$ 150	US\$ 249	Ação/F.Científica
80		Mestre dos Mares - O Lado Mais Distante do Mundo	2003	US\$ 150	US\$ 249	Guerra/Aventura
81		Guerra Mundial Z	2013	US\$ 190	US\$ 249	Terror/Ação
82		Guardiões da Galáxia 2	2017	US\$ 200	US\$ 249	F.Científica/Ação
83	6	007 - O Mundo não é o Bastante	1999	US\$ 135	US\$ 248	Ação/Aventura
84		O Expresso Polar	2004	US\$ 150	US\$ 245	Infantil/Fantasia
85		Velozes e Furiosos 7	2015	US\$ 190	US\$ 244	Ação/Thriller
86		Pantera Negra	2018	US\$ 200	US\$ 244	Ação/Aventura
87		Os Incriveis 2	2018	US\$ 200	US\$ 244	Infantil/Aventura

88		Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald	2018	US\$ 200	US\$ 244	Fantasia/Aventura
89		007 - Um Novo Dia Para Morrer	2002	US\$ 141	US\$ 241	Ação/Aventura
90		X men: fenix negra	2019	US\$ 200	US\$ 240	Ação/Aventura
91		Velozes & Furiosos: Hobbs & Shaw	2019	US\$ 200	US\$ 240	Ação/Buddy cop
92		Toy Story 4	2019	US\$ 200	US\$ 240	Comédia/Infantil
93		Shrek 3	2007	US\$ 160	US\$ 239	Comédia/Infantil
94		Malevola	2014	US\$ 185	US\$ 239	Fantasia/Aventura
95		Harry Potter e o Cálice de Fogo	2005	US\$ 150	US\$ 238	Fantasia/Aventura
96		Mulher maravilha 1984	2020	US\$ 200	US\$ 234	Ação/Fantasia
97		Tenet	2020	US\$ 200	US\$ 234	Ação/F. Científica
98		Mulan	2020	US\$ 200	US\$ 234	Ação/Fantasia
99		Eternos	2021	US\$ 200	US\$ 231	Ação/Fantasia
100		Homem-Aranha: Sem Volta para Casa	2021	US\$ 200	US\$ 231	Ação/Aventura
101		Alerta Vermelho	2021	US\$ 200	US\$ 231	Ação/Comédia
102		Jungle Cruise	2021	US\$ 200	US\$ 231	Aventura/Comédia
103		Viuva Negra	2021	US\$ 200	US\$ 231	Ação/Aventura
104		A Guerra do amanhã	2021	US\$ 200	US\$ 231	Ação/F. Científica
105		Velozes e Furiosos 9	2021	US\$ 200	US\$ 231	Ação/Aventura
106		The Battle at Lake Changjin - 2021	China	US\$ 200	US\$ 231	Ação/Drama/epico
107		O Exterminador do Futuro 2 - O Julgamento Final	1991	US\$ 102	US\$ 230	Ação/Ficção
108		007 - Cassino Royale	2006	US\$ 150	US\$ 230	Ação/Aventura
109		Missão: Impossível 3	2006	US\$ 150	US\$ 230	Ação/Aventura
110		Como Treinar o Seu Dragão	2010	US\$ 165	US\$ 230	Infantil/Aventura
111		Shrek 2	2004	US\$ 140	US\$ 229	Comédia/Infantil
112		X-Men: Apocalipse	2016	US\$ 178	US\$ 226	Ação/Aventura
113		Divertida Mente	2015	US\$ 175	US\$ 224	infantil/Comédia
114		Thor: Ragnarok	2017	US\$ 180	US\$ 224	Ação/F. Científica
115		Vida de Inseto	1998	US\$ 120	US\$ 223	Comédia/Infantil
116		Missão Impossível 2	2000	US\$ 125	US\$ 223	Ação/Thriller
117		A Lenda de Beowulf	2007	US\$ 150	US\$ 223	Fantasia/Aventura
118		Ratatouille	2007	US\$ 150	US\$ 223	infantil/Comédia
119		Harry Potter e a Ordem da Fênix	2007	US\$ 150	US\$ 223	Fantasia/Aventura
120		A origem	2010	US\$ 160	US\$ 223	Ação/F. Científica
121		Thor: O Mundo Sombrio	2013	US\$ 170	US\$ 222	Ação/Aventura

122		Moana	2016	US\$ 175	US\$ 222	infantil/Musical
123		Malevola: dona do mal	2019	US\$ 185	US\$ 221	Fantasia/Aventura
124		X-Men: Primeira Classe	2011	US\$ 160	US\$ 220	Ação/Aventura
125		Jogos Vorazes: A Esperança - O Final	2011	US\$ 160	US\$ 220	Ação/Aventura
126		Detona Ralph	2012	US\$ 165	US\$ 220	Comédia/Infantil
127		Transformers - O Filme	2007	US\$ 147	US\$ 219	Ação/F. Científica
128		Matrix Resurrections	2021	US\$ 190	US\$ 219	F.Científica/Ação
129		Capitão América 2: O Soldado Invernal	2014	US\$ 170	US\$ 219	Ação/Aventura
130		Guardiões da Galáxia	2014	US\$ 170	US\$ 219	Ação/F. Científica
131		Planeta dos Macacos 2: o confronto	2014	US\$ 170	US\$ 219	F. Científica/Ação
132		Stealth — A Ameaça Invisível	2005	US\$ 135	US\$ 218	Ação/Thriller
133		Homem-Aranha: De Volta ao Lar	2017	US\$ 175	US\$ 218	Ação/Aventura
134		Carros 3	2017	US\$ 175	US\$ 218	infantil/Comédia
135		Missão: Impossível - Efeito Fallout	2018	US\$ 178	US\$ 217	Ação/Suspense
136		Harry Potter e a Pedra Filosofal	2001	US\$ 125	US\$ 216	Fantasia/Aventura
137		The Gray Man	2022	US\$ 200	US\$ 216	Ação/Suspense
138		O Incrível Hulk	2008	US\$ 150	US\$ 215	Ação/Ficção
139		Jogador N.1	2018	US\$ 175	US\$ 214	F. Científica/Ação
140		WiFi Ralph: Quebrando a Internet	2018	US\$ 175	US\$ 214	infantil/Comédia
141		Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban	2004	US\$ 130	US\$ 213	Fantasia/Aventura
142		Operação Big Hero	2014	US\$ 165	US\$ 213	Infantil/Aventura
143		Interestelar	2014	US\$ 165	US\$ 213	F.Cient./Aventura
144		Doutor Estranho	2016	US\$ 165	US\$ 210	Ação/Aventura
145		007 - O Amanhã Nunca Morre	1997	US\$ 110	US\$ 208	Ação/F.Cient./Pol
146		Jurassic World: Reino Ameaçado	2018	US\$ 170	US\$ 207	Ação/F. Científica
147		True lies	1994	US\$ 100	US\$ 206	Ação/Comédia
148		Thor	2011	US\$ 150	US\$ 206	Ação/Fantasia
149		A Bela e a fera 2017	2017	US\$ 160	US\$ 200	Musical/Romance
150	1	O Grande Motim	1962	US\$ 19	US\$ 192	Aventura/Drama

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideologia da elite dos Estados Unidos é um tema de interesse constante para pesquisadores das relações internacionais, uma vez que ela influencia diretamente as políticas públicas e ações do governo norte-americano.

Na busca por desvendar a ideologia da classe dominante dos Estados Unidos, o marco teórico se baseou em autores que analisaram a indústria cultural e suas formas de controle social e de reforço da hegemonia por meio de produtos culturais como os filmes. Althursser (1970), Joseph Nye(2004), Gramsci (CAVALCANTI, 2010) e Adorno (1985) mostram que a indústria cultural tem um papel significativo na disseminação dessa ideologia dominante.

Especificamente, os filmes hollywoodianos mais caros demonstram a hegemonia americana sobre a cultura global. A indústria cinematográfica de Hollywood é responsável por produzir uma grande quantidade de obras que projetadas nas salas de cinema de todo o mundo, influenciando amplamente as percepções e valores de sua audiência. O conteúdo dos filmes é uma expressão da ideologia dominante e, assim, revela as crenças, valores e interesses da elite que o financia, bem como os ideais que esperam promover para a sociedade. Sendo assim, é possível inferir a ideologia da elite dos EUA através dos filmes que eles financiam, especialmente aqueles com maiores orçamentos, como foi analisado no levantamento feito com os 40 filmes que compõem o a lista dos filmes com orçamento superior a 300 milhões de dólares.

Para Althursser (1970), a ideologia é uma ideia que é imposta sobre uma classe social, fazendo com que ela acredite em um determinado conjunto de valores e ideais. Desta forma, a ideologia domina e controla as ações dessa classe social. Na teoria da ideologia de Althursser (1970), o cinema é visto como uma ferramenta para reproduzir as ideologias dominantes e assim perpetuar as estruturas de poder existentes. Através da criação de uma narrativa fictícia que reflete a realidade social, cultural e política do país, os filmes hollywoodianos ajudam a perpetuar uma ideologia que é favorável aos interesses da classe dominante.

De acordo com Nye (2004) em "Soft Power", o poder de persuasão é uma das principais ferramentas de um país ao tentar influenciar outros. Esse tipo de poder é baseado em elementos atrativos, como cultura, valores e ideias. Assim a cultura é uma das ferramentas mais importantes da diplomacia moderna. Os filmes hollywoodianos mostram como os Estados Unidos são representados e como eles se veem a si mesmos, muitas vezes exaltando as forças

militares e ações governamentais dos EUA, bem como outros aspectos que reforçam uma imagem positiva do país. Hollywood é uma ferramenta crucial para entregar esses elementos para o mundo.

Gramsci (1999), por sua vez, desenvolveu o conceito de hegemonia para explicar como as classes dominantes mantêm sua posição no poder através do controle ideológico. Ao desmascarar as ideias impostas pela classe dominante, ele argumentou que as outras camadas da sociedade controlariam o pensamento e poderiam, eventualmente, desafiar o poder estabelecido.

Já Adorno (1985), na teoria da Indústria Cultural, afirma que a arte e a cultura são produzidas como um produto de consumo e que a sua venda é feita para manipular o pensamento e o comportamento das massas. Segundo ele, a cultura é uma ferramenta de controle das pessoas e, como tal, é usada pelas classes dominantes para assegurar-se de que o seu domínio continue sendo inabalável. Assim, para Adorno(1985), como também para Gramsci(1999), a hegemonia cultural é fundamental para manter o poder político e econômico de uma elite. Os filmes hollywoodianos, dessa forma, são parte integrante da indústria cultural que produz e distribui a cultura de massa, com o objetivo de moldar o gosto e as percepções da população em geral.

Tomando estas teorias como base, podemos observar os filmes hollywoodianos de maior orçamento e perceber uma suposta união de forças entre a indústria cinematográfica e a classe dominante dos Estados Unidos. Isso acontece de várias maneiras. Sabe-se, inclusive, que pouco após os atentados de 11 de Setembro de 2001, Karl Rove, então conselheiro do governo de George W. Bush, reuniu-se com representantes da indústria do entretenimento norte-americano para convidá-los a se juntarem a ele para refletir como poderiam contribuir na guerra contra o “terrorismo” (DODDS, 2008).

Os valores americanos são vendidos com estilo e glamour, como uma espécie de “modo de vida americano”, como algo positivo e atraente. Os filmes costumam mostrar um estilo de vida opulento, com personagens glamorosos, o que, de alguma forma, parece legitimar o sucesso econômico e político da nação. O capitalismo permeia o dia a dia das pessoas como pano de fundo natural.

Assim, a ideologia da classe dominante dos EUA é transmitida através dos filmes hollywoodianos mais caros e populares. Através da indústria cultural, as ideias e impressões de

um país são disseminadas, sem sequer exigir conscientemente a aceitação dessas ideias. É importante lembrar que o produto final de Hollywood é destinado a um público global, com a intenção de manter a hegemonia cultural dos Estados Unidos no mundo, criando uma imagem positiva do país e das suas ideias. Até mesmo os filmes vistos com um tanto “tolos”, encantadoramente, reproduzem a ideologia dominante.

Analisando os 40 filmes de maior orçamento da história do cinema, todos com produção, ou ao menos coprodução americana, tem-se muitos temas abordados, desde empoderamento feminino, como na construção da personagem Rey de Star Wars à acidentes de trabalho, como na maneira como surgem muitos dos vilões do Homem Aranha. Ou então, a frequente construção de personagens femininas escritas por homens e baseados no patriarcalismo tradicional e, neste sentido, a imagem das mulheres nas telas são sexualizadas, independente do que estas mulheres estejam fazendo ou em quais enredos elas estejam envolvidas.

Com grande frequência aparecem os salvadores da Pátria, como os Vingadores, 007 e Luke Skywalker, e por consequência tem-se os vilões, variando desde um Voldemort de Harry Potter à vilã Mãe Gothel, que mantém a protagonista Rapunzel em cativeiro por anos com o objetivo de manter sua juventude eternamente. Curioso notar que tanto no filme mais caro da história até 2007, *Piratas do Caribe: No Fim do Mundo*, como no mais caro até 1963, *Cleopátra*, encontramos o chamado orientalismo na tentativa de diminuir personagens do Oriente Médio e da Ásia, numa extensão da Guerra Fria, cujo discurso geopolítico realçou as teorias antagonistas de “nós” versus “outros”, demarcando o espaço doméstico em relação às ameaças exteriores. Uma questão, o formato do salvador da Pátria geralmente é a de um herói externo que salvará o povo de suas mazelas. Por que o herói não podia estar no seio do próprio povo? Por que precisava ser alguém externo tão no estilo colonizador? A construção da alteridade se dá de uma forma que alguns tem a legitimidade sobre a vida dos outros: essa é a lógica da guerra e do “combater o inimigo”. A vida é sagrada, mas na guerra a vida do Outro já não é mais sagrada, porque ele é o inimigo. Isso justifica qualquer coisa!

Questões climáticas têm aumentada sua presença nos filmes, o que, embora não tenha sido objeto de estudo desse TCC, levanta um questionamento se não se trata da construção de uma narrativa que venha justificar invasões futuras a países acusados de não preservarem adequadamente seus biomas, como o Brasil com seu desmatamento, garimpo ilegal e queimadas?

Mas o que mais chama a atenção mesmo na maior parte dos filmes de maior orçamento é a questão da guerra e poder, ou seria, “guerra é poder?” com os heróis e seus discursos de liberdade legitimando o conflito e uso de armas, em vez da busca de uma solução pacífica, ajudando a consolidar discursos geopolíticos do *hegemon* americano, principalmente após o 11 de setembro. Parece que as produções hollywoodianas têm a mania de apresentar o poder de maneira excessivamente hobbesiana.

Os superpoderes de Bruce Wayne e Tony Stark são seus cartões de crédito ilimitados, o que também explica por que Agamenon – o menos heroico dos heróis – se preocupou tanto em conseguir uma recompensa maior do que qualquer outro herói grego durante a Guerra de Troia: dinheiro é poder.

Desde Superman, criado para levantar a moral do povo estadunidense durante a Grande Depressão, os super-heróis dominam o imaginário popular. Pode parecer que suas histórias sejam pura fantasia, mas elas refletem a era em que surgiram. Os heróis e vilões mais conhecidos surgiram durante a Segunda Guerra Mundial e durante a Guerra Fria, mas ainda seguem sendo heróis e vilões consagrados pelos fãs do mundo todo.

A psicologia diz que provavelmente somos atraídos por heróis e super-heróis porque eles elevam a condição humana – e o fazem justamente porque atuam em um plano ligeiramente desumano. Os heróis são como nós, mas potencializados: mais fortes, mais inteligentes, mais rápidos, mais ricos. Para as crianças, relacionam-se com a fantasia de plenitude, de perseverarem naquilo que querem ser, e quanto mais impedidas, reprimidas, mais elas tendem a fugir para esse universo, em busca de validação, incentivos.

Essa conexão com um poder maior que pode influenciar o mundo é um aspecto crucial de vários heróis. E talvez seja essa característica em particular que dê ao super-herói um de seus atributos mais perturbadores: o individualismo excessivo, que os permite operar fora das leis comuns que regem a sociedade, e sempre acima da lei, como faz o Batman que faz justiça com as próprias mãos e ninguém o questiona, como se super-heróis fossem extensões do divino.

Por exemplo, em *Capitão América: Guerra Civil*, o filme mostra o Capitão desrespeitando os preceitos da ONU para poder continuar com sua missão de paz intervencionista. O conflito entre Rússia e Estados Unidos é resgatado, tendo os russos como os controladores do terror. Daí o personagem Bucky, produto da ex-URSS. Tudo levando a crer que os terroristas de hoje, movidos pela vingança, não passam de marionetes russas ou fantoches

controlados por uma força maior que quer pôr fim ao modelo de liberdade norte-americano. Isso é reflexo do relacionamento acirrado entre Rússia e Estados Unidos antes de Trump. A indústria cultural nos induz a escolher um lado, criando seus demônios.

Em *X-men: Apocalypse* os mutantes abandonam a moral contemporânea em troca da amplitude de seus poderes. O próprio Magneto se frustra com a experiência de ser demasiado humano (operário e pai de família). Em *Batman x Superman todos – Lex Luthor, Batman, Superman*, o governo e a imprensa – querem o poder para si de modo absoluto. Em *Star Wars*, há um discurso de apaziguamento e de respeito com o diferente e tudo parece estar voltado para o conhecimento, mas na prática opta-se primeiro pelas espadas do Jedi do que pela diplomacia. Na hora do conflito até os na’vi, de *Avatar*, usaram a mesma lógica: guerra/ataque/ morte. Se eram um povo tão evoluído na conexão, não teriam outras formas de lidar com o conflito? A guerra, destruição, morte foi a também a tônica dos seres azuis.

Assim, quando um dos grandes eventos históricos do século XXI, os atentados de 11 de setembro de 2001, invadiram a agenda política ianque, o cinema e, em especial, Hollywood, o centro de produções cinematográficas norte-americano, tornou-se uma das armas a ser usada na execução da estratégia geopolítica que permitiria aos Estados Unidos invadirem países soberanos, gozando de relativo apoio doméstico e internacional. O cinema torna-se uma arma poderosa, já que a guerra também é a luta pela percepção da realidade.

Portanto, os filmes hollywoodianos de maior orçamento não são apenas entretenimento, mas sim produtos culturais que são influenciados pela ideologia da classe dominante dos Estados Unidos e que ajudam a perpetuar uma hegemonia cultural. É importante reconhecer a importância dessas obras como uma ferramenta para a manutenção do poder e influenciando a cultura global. Importante notar que no ranking dos 150 filmes de maior orçamento da história do cinema mundial, apenas um não é de Hollywood (o recente filme chinês *The Battle at Lake Changjin*). E assim deve continuar, pois a cultura pop e geek são o maior mercado de entretenimento do mundo e deve continuar sendo, pois, ela engloba a todos. Não é elitista, não é segmentada. Todo mundo acha algum herói que se identifica, algum game que gosta de jogar, algum hobby que se encaixa no seu dia a dia. E assim muitos continuam se entusiasmando a comprar armas sofisticadas e jovens, em sua maioria, não se rebelam contra um alistamento militar obrigatório nas Forças Armadas, que no mínimo, vai atrasar seus projetos de vida em pelo menos um ano, caso continuem vivos. O que por si só já “justifica” os investimentos em filmes milionários que apoiam as armas, a figura dos heróis e guerras, pois contratar

mercenários é muito mais caro que o recrutamento hollywoodiano de jovens, em geral das classes mais pobres.

“Quem quiser influir sobre as massas, não necessita medir logicamente os argumentos. Deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar sempre e repetir a mesma coisa”

FREUD

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1970.

ARGO. Direção: Ben Affleck. Produzido por Grant Heslov, Ben Affleck e George Clooney. Intérpretes: Ben Affleck, Bryan Cranston, Alan Arkin, John Goodman e outros. Estados Unidos. Produzido por Warner Bros, 2012.

CAVALCANTI, Ana R. A. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Lua Nova*, São Paulo, n. 80, pp. 71-96, 2010.

DEL ROIO, Marcos. *Gramsci e a emancipação do subalterno*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DODDS, K. Hollywood and the popular geopolitics of the war on terror. *Third world quarterly*, v. 29, n. 8, p. 1621–1637, 2008

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As idéias estão no lugar. *Cadernos de Debate*, História do Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1976.

GONÇALVES, Williams, SILVA, Guilherme. *Dicionário de Relações Internacionais*. Manole, 2005

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Luis Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MARQUES, Mariana R. *Cinema em Hollywood: a história completa*. Instituto de Cinema. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/cinema-em-hollywood-a-historia-completa>. Acesso em: 02/02/2022.

NYE, Joseph. Smart Power e a Política Externa do Governo Obama. QUAL, Ed. 224 / p. 28 - 35). Palestra – Faap. 2010. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/19639364/qual-ed-224-pag-28-35-palestra-faap>.

NYE, Joseph S. Soft Power: The Means to Success in World Politics. New York: Public Affairs, 2004.

NYE JR, Joseph S. O paradoxo do poder Americano: por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. Tradução de Vera Ribeiro. In: ZIZEK, S. (Org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996

PORTELLI, H. 1977. *Gramsci e o bloco histórico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

TZU, SUN. Arte da Guerra. 2012

VENTURA, Patricia. A New 'Marshall' Plan: Terrorism, Globalization, Blockbusters, and Air Force One. Genre [0016-6928] vol:38 iss:4 pg:327 -352, 2005.